

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Ana Paula Rabelo de Freitas

UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO ASPECTUAL [*DORMIR* PARTICÍPIO]  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Belo Horizonte  
2022

Ana Paula Rabelo de Freitas

UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO ASPECTUAL [*DORMIR* PARTICÍPIO]  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Maria Coelho

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Belo Horizonte  
2022

F866e Freitas, Ana Paula Rabelo de.  
Um estudo da construção aspectual [*dormir* participio] no português brasileiro contemporâneo [manuscrito] / Ana Paula Rabelo de Freitas.  
– 2022.  
82 f., enc. : il., color., grafs.

Orientadora: Sueli Maria Coelho.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 80-83

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Língua portuguesa – Gramaticalização – Teses. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 4. Língua portuguesa – Variação – Teses. 5. Mudanças linguísticas – Teses. I. Coelho, Sueli Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

#### UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO ASPECTUAL [DORMIR PARTICÍPIO] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

**ANA PAULA RABELO DE FREITAS**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 17 de novembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Sueli Maria Coelho - Orientadora  
UFMG

Prof(a). Alcione Gonçalves  
CEFET-MG

Prof(a). Anya Campos de Almeida e Pinho  
TRT-MG

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho, Diretor(a) de unidade**, em 18/11/2022, às 18:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anya Karina Campos D'Almeida e Pinho, Usuário Externo**, em 21/11/2022, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alcione Gonçalves, Usuária Externa**, em 21/11/2022, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1863099** e o código CRC **C2293DD5**.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem entrego os meus dias, na confiança de que Ele me conduzirá no caminho do bem, do amparo e da força, orientando-me na infindável busca pela sabedoria.

Ao Márcio, meu parceiro de vida, pela companhia, pelas conversas e pelo constante apoio. Aos meus filhos, Matheus e Pedro, que, quando precisaram da mãe por perto, encontraram um silêncio marcado pelos dias de trabalho e pelas noites de estudo, obrigada. Vocês sabiam que eu me realizava nesses momentos e, por isso, participaram dele com carinho.

A minha família, pelo incentivo na realização dos meus sonhos, mesmo que isso significasse minha ausência.

A minha Orientadora, Profa. Dra. Sueli Maria Coelho, pela generosidade com que compartilha seus conhecimentos, por servir de exemplo, por ser tranquilidade nos momentos de aflição, por ser confiança nos momentos de incerteza, por amar o que faz e por fazê-lo com alegria. Obrigada!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento à pesquisa.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na esperança de que continue sendo uma referência no Ensino, na Pesquisa e na Extensão.

À Faculdade de Letras da UFMG (FALE/UFMG), representando todos os que nela realizam alguma atividade docente, administrativa, de prestação de serviço e outras.

Ao Programa de Estudos Linguísticos da FALE/UFMG (POSLIN – FALE/UFMG), pela oportunidade de fazer parte de uma equipe que se dedica com tanto afinho aos estudos linguísticos.

Aos meus alunos, com quem compartilho uma postura reflexiva sobre a língua a partir das experiências que trocamos.

A todos os professores, na pessoa do Prof. Dr. Johnny José Mafra, mestre, detentor de inigualável sabedoria e generosidade, de quem tive a honra de ser aluna.

A todos que contribuíram para que essa jornada chegasse a termo e cujos nomes, injustamente, deixaram de ser mencionados.

Finalizo os agradecimentos registrando que o trabalho ora apresentado foi realizado em anos difíceis. Março de 2020, quando foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a pandemia da COVID-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2. Tempo de medo, de insegurança, de muita tristeza e de incerteza sobre o futuro. A pandemia mostrou ao mundo que estamos todos no mesmo mar, mas, definitivamente, não no mesmo barco. Alguns, sem embarcação sequer. Hoje, os que têm a possibilidade de ter a família completa sentada à mesa são afortunados. Não poderia deixar de agradecer às ciências. Às ciências naturais, que se empenharam por desenvolver mecanismos de defesa contra a doença e às ciências humanas que contribuíram para resgatar/manter o mínimo de humanidade diante do caos que se apresentou. Agradeço pelo retorno do sonho.

*No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona  
para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele  
delira.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer  
nascimentos –  
O verbo tem que pegar delírio.*

(BARROS, Manoel de. *In: Livro das ignorâncias*, 1994)

## RESUMO

Estudamos, em uma pesquisa pancrônica, o processo de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio para marcar a categoria aspectual no português brasileiro contemporâneo a partir de uma perspectiva funcionalista de estudo da língua. Para tanto, empreendemos uma incursão sobre o processo de gramaticalização e seus pressupostos (cf. KURYŁOWICZ, 1975 [1965]; HOPPER, 1991; TRAUGOTT e DASHER, 2004; HEINE *et al*, 1991; 2003; LEHMANN, 2015 [1982], entre outros), a fim de testar nossa hipótese principal de que, em construções como [*A porta dormiu aberta*], o verbo se apresenta como de ligação para marcar aspecto, deixando de ser, portanto, lexical. Considerando a função gramatical assumida pelo verbo *dormir*, propusemos uma discussão sobre a categoria verbal de aspecto, amparados em estudos clássicos (CASTILHO, 1968; 2020 e TRAVAGLIA, 2014[1981]). Dessa feita, foi-nos possível, considerando a natureza léxico-sintática da categoria aspectual, verificar uma segunda hipótese: o principal aspecto marcado pela construção estudada é o durativo. Nossa amostra linguística constituiu-se de 2.386 (dois mil, trezentos e oitenta e seis) dados coletados no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e na rede social *Twitter*, que foram analisados quantitativamente segundo os critérios sintático (contexto de predicação da forma) e semântico (abstração da forma e animacidade do sujeito). Em razão da hipótese de que estávamos diante de um fenômeno emergente, analisamos os dados qualitativamente segundo os parâmetros de gramaticalização propostos por Hopper (1991). Consideramos que fatores cognitivos, sintáticos e semânticos estivessem envolvidos no processo de reanálise do verbo, que perde sua propriedade predicadora, a qual se desloca para o termo à sua direita, conforme proposto por Castilho (2020). Identificamos, assim, os contextos de restrições para a reanálise da forma estudada: cognitivamente, a partir da experiência corpórea do falante, foi possível constatar que a forma gramaticalizada guarda resquícios do sentido etimológico da forma lexical no processo de abstração semântica do verbo, que gradualmente perde seu conteúdo nocional, ao passo que incorpora função gramatical. O contexto de predicação (predicado nominal com particípio na função predicativa) constituiu a restrição sintática observada. A restrição semântica configura-se na exigência do traço [- animado] do sujeito que integra a construção. As análises empreendidas permitiram-nos confirmar nossa hipótese principal de gramaticalização, bem como propor um *cline* do estatuto categorial do verbo *dormir* [forma significativa > forma relacional] em construções com o particípio segundo os contextos de predicação: predicado verbal > predicado verbo-nominal > predicado nominal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização. Aspecto. Verbos de ligação



## ABSTRACT

We have studied in a panchronic research the grammaticalization process of the verb *to sleep* (*dormir*) in constructions with the past participle to mark the aspectual category in contemporary Brazilian Portuguese from a functionalist perspective of language studies. For such we carried out an investigation into the grammaticalization process and its assumptions (cf. KURYŁOWICZ, 1975[1965]; HOPPER, 1991; TRAUGOTT & DASHER, 2004; HEINE *et al*, 1991; 2003; LEHMANN, 2015 [1982], among others) in order to test our main hypothesis that in constructions such as [*The door has slept open*] (*A porta dormiu aberta*) the verb presents itself as copulative to mark aspect, thus ceasing to be lexical. Considering the grammatical function assumed by the verb *to sleep* (*dormir*) we have proposed a discussion about the verbal category of aspect supported by classic studies (CASTILHO, 1968; 2020 & TRAVAGLIA, 2014[1981]). Thus, by considering the lexical-syntactic nature of the aspectual category, it was possible to verify a second hypothesis: the main aspect marked by the studied construction is the durative. Our linguistic sample was comprised of 2.386 (two thousand three hundred and eighty-six) points of data collected in the Portuguese *Corpus* (DAVIES; FERREIRA, 2006), and in the social network *Twitter*. They were then quantitatively analyzed according to the following criteria: syntactic (context of form predication) and semantic (form abstraction and subject animacy). Due to the hypothesis that we were facing an emergent phenomenon, we analyzed the data qualitatively according to the grammaticalization principles proposed by Hopper (1991). We have considered that cognitive, syntactic, and semantic factors were involved in the process of reanalysis of the verb which loses its predicative property that is displaced to the term on the right side of the verb, as proposed by Castilho (2020). Therefore, we have identified the contexts of restrictions for the reanalysis of the studied form: cognitively, from the corporal experience of the speaker, it was possible to verify that the grammaticalized form maintains traces of the etymologic sense of the lexical form in the process of semantic abstraction of the verb, which gradually loses its notional content while embodying the grammatical function. The predicative context (nominal predicate with past participle in the predicative function) has set up the syntactic restriction that was observed. The semantic restriction is noted in the requirement of the [- animacy] trace of the subject that constitutes the construction. The analysis undertaken allowed us to confirm our main hypothesis of grammaticalization, as well as to propose a *cline* of the categorial status of the verb *to sleep* (*dormir*) [significant form > relational form] in constructions with the past participle according to the predicative contexts: verbal predicate > verbal-nominal predicate > nominal predicate.

**Keywords:** Grammaticalization. Aspect. Copulative verbs.

## RESUMEN

Estudiamos, en una investigación pancrónica, el proceso de gramaticalización del verbo *dormir* en proposiciones oracionales con el participio para pautar la categoría aspectual en el portugués brasileño contemporáneo a partir de una perspectiva funcionalista de estudios de la lengua. Para tal, emprendemos una incursión sobre el proceso de gramaticalización y sus presupuestos (cf. KURYŁOWICZ, 1975 [1965]; HOPPER, 1991; TRAUGOTT y DASHER, 2004; HEINE *et al*, 1991; 2003; LEHMANN, 2015 [1982], entre otros), a fin de testar nuestra principal hipótesis de que, en sentencias como [*La puerta ha dormido abierta*] (*A porta dormiu aberta*), el verbo se presenta como copulativo para señalar aspecto, dejando, por lo tanto, de ser lexical. Considerando la función gramatical asumida por el verbo *dormir* propusimos un debate acerca de la categoría verbal de aspecto, resguardados en estudios clásicos (CASTILHO, 1968; 2020 e TRAVAGLIA, 2014[1981]). Así hecho, nos hizo posible, al considerar la naturaleza léxico-sintáctica de la categoría aspectual, verificar una segunda hipótesis: el principal aspecto pautado pela construcción estudiada es el durativo. Nuestra muestra lingüística se constituyó de 2.386 (dos mil trescientos ochenta y seis) datos recolectados en el *Corpus* del Portugués (DAVIES; FERREIRA, 2006) y en la red social *Twitter*, que fueron analizados cuantitativamente según los criterios sintáctico (contexto de predicación de la forma) y semántico (conceptualización de la forma y animacidad del sujeto). Debido a la hipótesis de que nos poníamos delante de un fenómeno emergente, analizamos los datos cualitativamente según los principios de gramaticalización propuestos por Hopper (1991). Consideramos que factores cognitivos, sintácticos y semánticos estuvieran involucrados en el proceso de reanálisis del verbo, que pierde su propiedad predicativa, la cual se desplaza al término a su derecha, conforme propuesto por Castilho (2020). Identificamos, entonces, los contextos de restricciones para el reanálisis de la forma investigada: cognitivamente, a partir de la experiencia corporal del hablante, fue viable comprobar que la forma gramaticalizada retiene resquicios del sentido etimológico de la forma lexical en el proceso de conceptualización semántica del verbo, que, por su vez, pierde sucesivamente su contenido nocional para adherir la función gramatical. El contexto de predicación (predicado nominal con participio en la función predicativa) constituyó la restricción sintáctica observada. La restricción semántica se forma en la exigencia del rasgo [-animado] del sujeto que integra la construcción. Los análisis emprendidos nos concedieron la confirmación de nuestra hipótesis principal de gramaticalización, así como proponer un *cline* del estatus categorial del verbo *dormir* [forma significativa > forma copulativa] en construcciones con el participio según los contextos de predicación: predicado verbal > predicado verbal y nominal > predicado nominal.

**Palabras clave:** Gramaticalización. Aspecto. Verbos copulativos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Indexação no <i>Corpus</i> do Português (Gênero/Histórico).....	45
FIGURA 2 – Exemplo de <i>tweet</i> salvo no arquivo de imagens .....	48
FIGURA 3 – Exemplo de uma linha de concordância obtida no <i>AntConc</i> .....	49
GRÁFICO 1 – Frequência do verbo <i>dormir</i> por contexto de predicação na amostra linguística analisada.....	54
GRÁFICO 2 – Abstração semântica do verbo <i>dormir</i> na amostra linguística analisada.....	59
QUADRO 1 – Escala de abstração de sentido.....	16
QUADRO 2 – Parâmetros de gramaticalização segundo Lehman (2015 [1982]).....	21
QUADRO 3 – Princípios de Hopper (1991) para a gramaticalização .....	21
QUADRO 4 – <i>Cline</i> de gramaticalização de um verbo pleno em verbo auxiliar.....	23
QUADRO 5 – Valores aspectuais no português segundo Castilho (1968) .....	40
QUADRO 6 – Quadro aspectual do português segundo Travaglia (2014 [1981]).....	41
QUADRO 7 – Tipologia do aspecto segundo Castilho (2020) .....	42
QUADRO 8 – Tela do programa de extração dos dados.....	48
QUADRO 9 – Análise dos princípios de gramaticalização do verbo <i>dormir</i> em construções com o particípio .....	64
QUADRO 10 – <i>Continuum</i> de gramaticalização do verbo <i>dormir</i> em construções com o particípio, segundo contextos de predicação .....	68
QUADRO 11 – Aspectos marcados nos diferentes tempos do indicativo .....	70
TABELA 1 – Frequência do verbo <i>dormir</i> por contexto de predicação na amostra linguística analisada.....	54
TABELA 2 – Dados obtidos no <i>Twitter</i> .....	56
TABELA 3 – Abstração semântica do verbo <i>dormir</i> na amostra linguística analisada .....	59

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	11
1 GRAMATICALIZAÇÃO: <i>E A LÍNGUA SE REACOMODA</i> .....	15
1.1 O conceito de gramaticalização e o princípio da unidirecionalidade .....	16
1.2 Mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização .....	17
1.2.1 Gramaticalização e os processos metafóricos .....	17
1.2.2 Gramaticalização e os processos metonímicos .....	19
1.3 Parâmetros e princípios de gramaticalização .....	20
1.4 Gramaticalização de verbos .....	22
2 A CATEGORIA DE ASPECTO .....	25
2.1 Categorias gramaticais .....	26
2.2 O aspecto verbal em latim e suas diferentes formas de expressão .....	28
2.3 O aspecto verbal no português brasileiro (PB) .....	31
2.3.1 Verbos de ligação enquanto marcadores aspectuais .....	37
2.4 Os principais valores aspectuais no PB .....	40
3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA .....	44
3.1 Eleição dos <i>corpora</i> .....	44
3.1.1 <i>Corpus</i> do Português .....	45
3.1.2 Twitter .....	46
3.2 Tratamento dos dados .....	49
3.2.1 Critério sintático: contextos de predicação da forma .....	50
3.2.2 Critério semântico .....	50
3.2.3 Princípios de gramaticalização .....	51
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	53
4.1 Critério sintático: contexto de predicação da forma .....	54
4.2 Análise dos critérios semânticos .....	58
4.2.1 Abstração semântica .....	58
4.2.2 Animacidade do sujeito .....	61
4.3 Análise dos princípios de gramaticalização .....	64
4.4 <i>Continuum</i> da gramaticalização .....	66
4.5 Valores aspectuais identificados na construção com o verbo <i>dormir</i> gramatical .....	68
4.5.1 Expressão do aspecto pelas flexões verbais .....	69
4.6 Os dados por trás dos metadados .....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS .....	79

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da trajetória dos estudos da linguagem, embora haja divergências basilares entre as diferentes correntes teóricas, um ponto se mostra como passivo na discussão: o caráter dinâmico das línguas, que acarreta um constante processo de variação e mudança. Weinreich, Labov e Herzog (2009 [1968]) definem que a língua é um sistema heterogêneo do qual a variação é parte inerente. E, nesse contexto, o fenômeno da gramaticalização se apresenta como um tema importante, já que se coloca como uma fonte pródiga nos processos de mudança linguística.<sup>1</sup> Assim, a língua em uso nos fornece rico material de pesquisa a fim de compreendermos os processos de mudança, suas motivações, suas restrições e seus percursos. Tal fato suscita em nós, linguistas, questões acerca das mudanças percebidas na língua em uso e que carecem de investigação. Esse é o caso do verbo *dormir* em construções com o particípio, como no enunciado *A porta dormiu aberta*. Estimamos que expressões como essa (e suas variações) sejam recorrentes no português brasileiro e, no entanto, sem merecidas reflexões a respeito.

Como consequência dessa postura investigativa, constatamos estarmos diante de uma construção bastante produtiva e, apoiados nos estudos sobre gramaticalização e aspecto referenciados ao longo do nosso trabalho, procuramos compreender como ela se apresenta, sua origem e seu processo.

Consideramos o fenômeno da gramaticalização sob a ótica que integra a teoria funcionalista à cognitivista. Como consequência, o fenômeno de gramaticalização se aplica à construção e envolve tanto processos metafóricos quanto metonímicos no seu percurso. (TRAUGOTT e DASHER, 2004).

O uso gramaticalizado do verbo *dormir* em construção com o particípio já se encontra documentado em letra da Música Popular Brasileira, como no exemplo a seguir:

- (1) “Quem deixou a porta  
Para a rua escancarada  
Foi você, fui eu

---

<sup>1</sup> Cumpre ressaltar que o processo de gramaticalização é um processo de mudança não precedido pela variação, uma vez que não envolve concorrência entre as formas lexical e gramatical. Na verdade, a gramaticalização até contraria a perspectiva de que toda mudança pressupõe variação, uma vez que não há a observância do estágio em que “velhas e novas formas variantes rivalizam num mesmo momento de tempo e essa alternância pode representar uma transição para um outro estado de língua”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG. 2009 [1968]. p. 139) Nesse sentido, será tratado neste trabalho de um processo de mudança.

Quem que trouxe alguém  
 De fora para nossa casa  
 Foi você, fui eu  
 Se a janela **dormiu aberta**  
 Não fui eu quem esqueceu  
 Você não me viu chorando  
 Veio a chuva, nosso amor morreu”

(Elza Soares e Liniker, “Foi Você, Fui Eu”, 2019. Grifo nosso.)

Ocorrências da construção [*dormir* participio] são pródigas em postagens de redes sociais como o *Twitter*:

(2) “Meu celular **dormiu ligado** no free fire. Acordei com os outros me chamando pra jogar e o celular mt mt quente.” (*Twitter*, novembro de 2018. Grifo nosso).

Os exemplos acima sugerem tratar-se de uma construção bastante produtiva na língua. A despeito da produtividade e das provocações linguísticas ora descritas, não foi identificado nenhum trabalho que descrevesse a gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o participio nos moldes aqui propostos, o que, por si só, já justifica nosso investimento no tema.

Outro ponto relevante para o estudo que ora apresentamos versa sobre a questão aspectual expressa pelos verbos de ligação não ser, de forma consistente, objeto de discussão em nossos compêndios nem normativos nem descritivos. Os trabalhos/pesquisas realizados até o presente momento são bastante descritivos e contribuem sobremaneira para a construção do conhecimento acerca dos temas propostos. Mas estudar fenômenos linguísticos é um desafio que se apresenta diuturnamente aos linguistas, visto que seu objeto de estudo apresenta a variação e a mudança como partes constitutivas. Cabe, pois, ao linguista observar seu objeto de estudo e postular conhecimentos científicos a respeito dos fenômenos observados.

Ademais, a discussão sobre o comportamento dos verbos de ligação como itens gramaticais se mostra fundamental e é pouco explorada na bibliografia linguística. Travaglia (2004) considera essa questão e conclui que “vários princípios e fatores do processo de gramaticalização, quando aplicados aos verbos de ligação (*sic*) parecem sugerir que eles são verbos em processo de gramaticalização”. (TRAVAGLIA, 2004, p.2). No mesmo trabalho, o autor apresenta os verbos de ligação encontrados em sua pesquisa, bem como as noções semânticas com que introduzem estados e características no texto. São elencados 17 verbos, dentre os quais, *acabar* (indica que o estado ou característica são um resultado de algo realizado antes); *andar* (indica que o estado ou característica são durativos desde um certo tempo, tendo

uma duração limitada) e *continuar* (indica que o estado ou característica são durativos e contínuos tendo já começado). Tanto os três exemplos aqui evocados a título de ilustração, bem como os outros 14 constantes no estudo referenciado não são prototipicamente verbos de ligação, mas formas lexicais que se gramaticalizaram, passando, desse modo, a funcionarem também como formas relacionais.

Nossa pesquisa guiou-se pelo questionamento principal: (i) é possível atestar em construções como [*A porta dormiu aberta*] que o verbo intransitivo *dormir* se gramaticaliza como verbo de ligação para marcar aspecto? A partir dessa pergunta principal, desdobraram-se outras, quais sejam: (ii) que aspecto(s) essa construção marca?; (iii) é possível identificar quando se deu essa gramaticalização?; (iv) que fatores (cognitivos, semânticos e/ou sintáticos) concorrem para a gramaticalização desse verbo/construção?

Assim, nos dedicamos a investigar o fenômeno da gramaticalização de um verbo pleno a verbo relacional marcador de aspecto em construções com o particípio a fim de testar as hipóteses a seguir apresentadas: (i) em construções como *A porta dormiu aberta* o verbo se apresenta como relacional (verbo de ligação) para marcar aspecto, deixando de ser, portanto, lexical; (ii) o aspecto marcado nessa construção seja o durativo: permanecer durante a noite; (iii) a escassez de dados em buscas piloto em *corpora* sugere tratar-se de um fenômeno mais recente na língua; (iv) fatores sintáticos, semânticos e cognitivos devem estar envolvidos no processo de reanálise, segundo as hipóteses aventadas de que o traço sintático seja a proximidade com a forma adjetival de particípio que gera a construção; o fato semântico se relacione à animacidade do sujeito; e o fato cognitivo diga respeito ao conhecimento de mundo (experiência) acerca de que *dormir* encerra a ideia de passar por um período de tempo (preferencialmente à noite) em estado de sono.

A fim de testar as hipóteses aventadas, constituímos um *corpus* com dados diacrônicos (século XIX ao XXI) a partir do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), coletados na base de dados “Gênero/Histórico” e “NOW”, edição de 2018<sup>2</sup>. Empreendemos uma pesquisa piloto que não identificou nenhuma ocorrência da construção estudada em *corpora* a partir de dados da língua escrita, fato que suscitou em nós a hipótese de tratar-se de um fenômeno emergente. Essa hipótese fez com que optássemos por um estudo de natureza pancrônica. Assim, a outra base de dados eleita para a constituição do nosso *corpus* foi a rede social *Twitter*.

---

<sup>2</sup> A base de dados “Gênero/Histórico”, criada em 2006, apresenta textos dos anos 1200s -1900s. A base de dados “Now”, criada em 2018, abarca o período de 2012-2019. Dessa feita, a opção por essas bases de dados nos oferece um recorte diacrônico e sincrônico, importante para o estudo da gramaticalização emergente ora pesquisada.

A pesquisa empreendida e relatada ao longo dessa dissertação se apresenta organizada em quatro capítulos. No primeiro deles, apresentamos o conceito de gramaticalização que adotamos, e trouxemos alguns trabalhos que trataram da gramaticalização de verbos como suporte teórico para o nosso estudo. No segundo capítulo, tratamos da categoria do *aspecto*. Fizemos uma breve incursão histórica abordando o *aspecto* verbal no latim e no português brasileiro. Apresentamos considerações sobre os verbos de ligação enquanto marcadores aspectuais e finalizamos com os valores aspectuais descritos na língua portuguesa a partir dos estudos de Castilho (1968) e Travaglia (2014 [1981]). No capítulo terceiro, descrevemos a metodologia por nós adotada relativamente à composição do *corpus*, ao tratamento dos dados e discutimos os critérios e parâmetros que serviram de base para a nossa análise. No capítulo quarto, apresentamos e analisamos nossos resultados, julgando a adequação das hipóteses que formulamos. Por fim, na última seção, trazemos uma compilação das análises frente ao referencial teórico, apresentamos as conclusões alcançadas com o presente estudo bem como suas limitações, que indicam caminhos para novos empreendimentos.



## 1 GRAMATICALIZAÇÃO: E A LÍNGUA SE REACOMODA...

*Les procedes par lesquels se constituent les formes grammaticales sont au nombre de deux; tous les deux son connus, même des personnes que n'ont jamais étudié la linguistique, et chacun a eu occasion, sinon d'y arrêter son sprit, du moins de le observer em passant. L'un de ces procédé et l'analogie; il consiste à faire sur le modèle d'une outre; [...]L'autre précédé consiste dans le passage d'un mot autonome au rôle d'élément gramatical.*  
In *Linguistique historique et linguistique générale*  
(MEILLET, 1982 [1948], p. 130-131).

\*\*\*

*Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status.*  
In *The evolution of grammatical categories*  
(KURYŁOWICZ, 1975 [1965], p. 52)

\*\*\*

*The term "grammaticalization" will be used here in much the same way as that proposed by Kurylowicz ([1965] 1975:52) [...] Thus, instead of lexical or other morphological segments, grammaticalization may involve discourse or clause patterns or nonsegmental structures such as word order.*  
In *Grammaticalization A conceptual framework*  
(HEINE *et al*, 1991, p. 24 e 25)

Um conceito fundamental para o presente trabalho é o de *gramaticalização*. Conforme sinalizado nas epígrafes acima, Heine *et al* (1991) expandem o conceito clássico de gramaticalização postulado por Meillet (1982 [1948]) e ampliado por Kuryłowicz (1975 [1965]), assumindo que não é a forma/item lexical em particular que se gramaticaliza, mas toda a construção em que que a forma/item ocorre. Desde então, o processo de gramaticalização tem sido estudado a partir dessa perspectiva mais abrangente (TRAUGOTT e HEINE, 1991; HEINE, 2003; TRAUGOTT e DASHER, 2004) segundo a qual um item em particular não sofre gramaticalização, mas toda a construção com itens particulares se torna gramaticalizada. Tal perspectiva confere um olhar bastante específico aos contextos de gramaticalização e pode ser ilustrada por nosso objeto de estudo, já que o verbo *dormir* só se torna uma forma relacional em construções com o particípio. Visando, pois, a contextualizar o fenômeno de que nos

ocupamos, apresentamos a seguir alguns pressupostos teóricos da gramaticalização que sustentaram nossa análise.

### 1.1 O conceito de gramaticalização e o princípio da unidirecionalidade

A gramaticalização é um processo de mudança categorial que pode ser tomado como essencialmente unidirecional. Os diversos mecanismos que atuam nesse processo (alguns dos quais apresentados na seção subsequente) são regidos pelo princípio da unidirecionalidade, o que implica assumir que, uma vez iniciado, o processo não retrocede, não havendo, pois, desgramaticalização.

Como exemplo desse princípio atuando na gramaticalização, Heine *et al* (1991) propõem uma escala crescente e unidirecional de abstração que caracteriza a metáfora e, consequentemente, o processo de gramaticalização:

QUADRO 1 – Escala de abstração de sentido

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE
--

Fonte: HEINE *et al*, 1991, p. 157.

Essa escala aponta para um caminho unidirecional, da esquerda para a direita, em que o sentido é tanto mais abstrato quanto mais à direita da escala ele se encontra, conforme discutiremos em maior profundidade na próxima subseção.

Embora o princípio da unidirecionalidade seja consenso entre a maioria dos estudiosos do tema, há aqueles que o questionam, a partir de exemplos que visam a atestar a reversibilidade da gramaticalização. Kuryłowicz (1975 [1965]), por exemplo, defende a lexicalização como um processo inverso à gramaticalização. Para o autor (*op. cit.*), a lexicalização compreende o retorno, às categorias derivacionais, daquelas que se gramaticalizaram em categorias flexionais. Não constitui nosso objetivo, contudo, aprofundar-nos nos diversos conceitos de lexicalização e em suas características, mas contrapor as teorias acerca do princípio da unidirecionalidade para nos posicionarmos a respeito.

Heine (2003) analisa essas ponderações e, concomitantemente, aponta os motivos pelos quais, ainda assim, o princípio prevalece. Inicialmente, argumenta que o número de casos identificados é bastante escasso, se comparado aos casos que confirmam a hipótese da unidirecionalidade; em segundo lugar, descreve os contraexemplos como idiossincráticos, não

permitindo, portanto, generalizações; em terceiro lugar, apresenta os casos excepcionais que podem ser atribuídos a forças comunicativas como hipercorreção, ou como eufemismo e, por fim, o autor (*op. cit.*) exemplifica situações de extremo contato linguístico que podem ser apontadas como desencadeadoras de um processo em sentido reverso.

Em consonância com as alegações de Heine (2003), assumimos que a unidirecionalidade é, de fato, um princípio do processo de gramaticalização e que os casos contraditórios constituem exceções ao princípio ou, ainda, processos outros que não a gramaticalização.

Conforme enunciamos, os mecanismos que desencadeiam a gramaticalização são regidos pelo princípio da unidirecionalidade. Portanto, faz-se necessário que sejam apresentados conjuntamente e, se aqui foram divididos aqui em subseções, foi apenas para fins didáticos.

## 1.2 Mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização

### 1.2.1 Gramaticalização e os processos metafóricos

A metáfora tem sido apontada como intrínseca ao processo de gramaticalização. Embora tenha seu conceito fortemente associado a processos de alteração semântica, há que se considerá-la também como um processo cognitivo pragmático, uma vez que é desencadeado no uso, em situações de necessidade comunicativa. De toda forma, interessa-nos salientar, ao tratar de gramaticalização, que os processos metafóricos que estão na base do fenômeno compreendem o emprego de uma coisa em lugar de outra, além de implicar uma alteração semântica na direção do sentido [+ concreto] para o [+ abstrato].

Segundo Heine *et al* (1991), os usos metafóricos decorrem da experiência humanas e estão, pois, associados às percepções físicas e ambientais do homem. Essas experiências fornecem pontos de referência mais concretos para evocar associações que permitem a compreensão de conceitos menos concretos ou mais abstratos. Para ilustrar tal processo, retomamos a escala de abstração unidirecional proposta por Heine *et al* (1991) e apresentada brevemente na subseção anterior: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade (Quadro 1).

Segundo essa escala, o item à esquerda possuiu o sentido mais concreto em relação ao seguinte (à direita) e serve de fonte para sua abstração. Assim, empregamos uma parte do

corpo humano para nos referirmos a partes de objetos ou a objetos propriamente (*pé* de mesa, *pé* de cabra); nomes de objetos para nos referirmos a atividades (acompanhar a *esteira* dos acontecimentos); indicações espaciais para nos referirmos ao tempo (seis meses *atrás/à frente*); e indicações temporais para indicar qualidade (estar *adiantado/atrasado*). Essa gradação implica que um conceito é fonte em relação a outro mais abstrato e que esse movimento unidirecional se dá da esquerda [+ concreto] para a direita [+ abstrato]. Segundo tal princípio, empregamos algo mais concreto, de acordo com a relação de proximidade com nossas experiências mais elementares e, por isso, mais fácil de ser conceptualizado, para nos referirmos a algo mais abstrato.

A abstração de sentido, conforme proposta pela escala acima, indica a unidirecionalidade do fenômeno, mas não pressupõe que todas as etapas previstas sejam efetivamente cumpridas pela forma/construção. Queremos dizer, com isso, que é possível que um conceito fonte possa resultar em outro conceito mais abstrato, portanto, à direita, mas não necessariamente no primeiro à direita. Os dados que estudamos são elucidativos desse movimento. A partir da categoria “atividade” representada por um verbo dinâmico (HEINE *et al*, 1991), o movimento de abstração se dá para a categoria de “qualidade” (verbo de estado, cf. autor *op. cit.*) sem, entretanto, codificar “espaço” ou “tempo” (etapas intermediárias) nesse percurso. Identificamos um processo de abstração metafórica envolvendo o verbo *dormir* a partir de dados como “Ele **dorme** todos os dias umas boas duas horas.” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso), em que a forma é um verbo significativo, até culminar em um *verbo de estado* como em “Que massa, meu carro **dormiu** aberto e com a chave dentro...” (*Twitter*, março de 201. Grifo nosso). O primeiro exemplo ilustra o uso de sentido mais concreto (atividade), servindo de conceito fonte para o mais abstrato (qualidade), de acordo com a escala acima.

Importante ressaltar que esse movimento de abstração semântica é um processo gradual e contínuo, podendo haver sobreposição de significados, mesmo dentro de uma mesma categoria da escala. Isso pode ser constatado em nosso objeto de estudo: quando o verbo *dormir* é classificado na categoria atividade (verbo dinâmico, segundo Heine *et al*, 1991), em decorrência da construção em que se encontra, pode apresentar o traço [ $\alpha$  concreto] ou [ $\alpha$  abstrato]. É o caso, por exemplo, dos seguintes trechos, extraídos do nosso *corpus*. (i) “Muito perto, a seu lado, a mulher **dormia**.” e (ii) “A cidade **dormia** entre morros; [...]” (ambos do *Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso). Verificamos, em ambos os contextos, a categoria “atividade” da escala a que estamos nos referindo. Entretanto, dentro dessa mesma categoria, é possível identificar uma gradação de abstração em que o exemplo (ii) apresenta

uma relação sintagmática de metonímia na construção com o sujeito [- animado] *cidade* indicando, portanto, o uso [+ abstrato] em relação ao excerto (i).

A abstração metafórica constitui um dos eixos fundamentais da gramaticalização, já que a gramática é [+ abstrata] que o léxico.

### 1.2.2 Gramaticalização e os processos metonímicos

Enquanto a metáfora envolve similaridade, escolha paradigmática, iconicidade e analogia, a metonímia envolve contiguidade, relações sintagmáticas e relações referenciais (TRAUGOTT & DASHER, 1994). A ambiguidade, que tende a ser identificada nos estágios iniciais do processo de gramaticalização, é decorrente dos processos metonímicos, os quais levam o falante a interpretar de maneiras diferentes uma forma de acordo com seu contexto de ocorrência, o que constitui a reanálise, tão cara à gramaticalização.

Em nosso estudo, foi possível identificar contextos de reanálise que desencadearam a gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio. É o caso do verbo *dormir* em contexto de predicado verbo-nominal, quando compartilha com a forma adjetival de particípio a propriedade de predicar. Esse percurso aqui apenas mencionado a título de ilustração será detalhado adiante, na seção destinada à apresentação e à discussão dos resultados.

Embora constituam mecanismos distintos, a metáfora (analogia) e a metonímia (reanálise) operam de modo integrado nos processos de mudança linguística. Segundo Hopper e Traugott (1993),

a reanálise e a analogia são mecanismos distintos e têm efeitos diferentes. A reanálise envolve uma reorganização linear, sintagmática, muitas vezes local, e mudanças de regras. Essas mudanças não são diretamente observáveis. Por outro lado, a analogia envolve, essencialmente, a organização paradigmática, mudanças nas colocações de superfície e nos padrões de uso. Por meio da analogia, as mudanças não observáveis da reanálise tornam-se observáveis. (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 68. Tradução nossa).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> From the perspective outlined here, reanalysis and analogy (generalization) are distinctly different mechanisms and have different effects. Reanalysis essentially involves linear, syntagmatic, often local, reorganization and rule change. It is not directly observable. On the other hand, analogy essentially involves paradigmatic organization, change in surface collocations, and in patterns of use. Analogy makes the unobservable changes of reanalysis observable. (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 68)

A gramaticalização, enquanto um processo de mudança categorial de determinada forma/construção, envolve tanto o processo metafórico, ligado à abstração da forma, quanto o metonímico, que diz respeito ao contexto de reanálise da construção. Como a metonímia opera no eixo sintagmático, o contexto assume um papel fundamental na análise da gramaticalização que considera não mais apenas o item/forma, como propôs Kuryłowicz (1975 [1965]), mas toda a construção em que o item/forma ocorre, como postulado por Heine *et al* (1991) e outros.

Na esteira dessa reformulação do conceito de gramaticalização, os estudos da Gramática de Construções apresentam um ponto de congruência com os estudos de gramaticalização. Croft (2007) define *construção* como uma unidade simbólica de pareamento de forma e de significado/função. Tal é o caso do nosso objeto de estudo, que se constitui de uma unidade simbólica de pareamento de forma [*dormir* particípio] e de significado (construção gramaticalizada aspectual).

Interessa-nos, contudo, no âmbito deste estudo, apenas a abordagem que a Gramática de Construções confere às mudanças linguísticas. Traugot e Dasher (2004) apontam os mecanismos de mudança morfossintática e fonológica e de mudança semântica como sendo usualmente reconhecidas nos processos de gramaticalização. Em função de uma perspectiva da visão processual desses mecanismos, os autores (*op. cit.*) optam por se referirem a eles como metaforização e metonimização. Destacam, ainda, a importância do papel da metonimização na mudança linguística, uma vez que convida a realizar inferências no fluxo contínuo e associativo da fala/escrita, constituindo evidência para os fenômenos de mudança linguística tanto quanto a metaforização.

### 1.3 Parâmetros e princípios de gramaticalização

No intuito de estabelecer critérios que pudessem ordenar uma escala de gramaticalização, Lehman (2015 [1982]) propõe seis parâmetros, os quais não indicam processos, mas propriedades dos signos. Segundo o autor (*op. cit.*), esses parâmetros identificam, conjuntamente, não a gramaticalização, mas a autonomia ou, inversamente, a gramaticalidade de um signo, uma vez que a gramaticalização diminui sua autonomia. Assim, se quisermos medir o grau de gramaticalização de um signo, devemos determinar o seu grau de autonomia. O quadro a seguir sintetiza a proposta de Lehman (2015 [1982]).

QUADRO 2 – Parâmetros de gramaticalização segundo Lehman (2015 [1982])

PARÂMETRO	EIXO	
	Paradigmático	Sintagmático
Peso	integridade	escopo estrutural
Coesão	paradigmaticidade	coesão
Variabilidade	variabilidade paradigmática	variabilidade sintagmática

Fonte: Adaptado de Lehman (2015 [1982], p.132).

A autonomia do signo é aferida por três parâmetros básicos (peso, coesão e variabilidade). Esses três parâmetros se subdividem em dois conjuntos de critérios distintos, conforme os eixos linguísticos em que operam, respectivamente, o eixo paradigmático e o sintagmático. Não nos deteremos aqui em explicar como se dá a combinação desses critérios a fim de verificar o grau de autonomia/gramaticalização do signo, uma vez que eles são aplicáveis apenas a processos de gramaticalização em estágio avançado, o que não é o caso do nosso estudo, cujo fenômeno é ainda emergente na língua.

Enquanto os parâmetros de Lehman (2015 [1982]) visam a identificar os graus de gramaticalidade de itens a partir do maior ou menor grau de autonomia e, por isso, são aplicados a processos mais avançados, quando há a certeza de que estão em processo de gramaticalização, há, por outro lado, os princípios postulados por Hopper (1991), que se aplicam a processos incipientes, uma vez que visam a identificar se trata-se ou não de um processo de gramaticalização. Dada a natureza do processo de gramaticalização que estudamos, serão esses os princípios que nortearão nossa análise. Passemos, pois, à sua apresentação.

QUADRO 3 – Princípios de Hopper (1991) para a gramaticalização

PRINCÍPIO	CARACTERÍSTICA
Estratificação	Indica a coexistência de camadas em um mesmo domínio funcional. Quando uma forma nova emerge, não há necessariamente a substituição da forma antiga pela nova, mas a coexistência de ambas as formas na língua.
Divergência	Aplica-se quando um item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto e não o faz em outros. Esse princípio resulta em formas com a mesma etimologia, mas funcionalmente divergentes.

PRINCÍPIO	CARACTERÍSTICA
Especialização	Relaciona-se ao estreitamento de formas pertencentes a um mesmo domínio funcional, ou seja, ao estreitamento de opções para se codificar determinada função, em razão do processo de gramaticalização.
Persistência	Diz respeito à manutenção de traços semânticos da forma lexical na forma gramaticalizada. Um indício do princípio da persistência é a polissemia identificada nos estágios intermediários da gramaticalização e a permanência de um ou mais sentidos que refletirão o significado dominante anterior.
Descategorização	Remete à perda ou à neutralização de formas morfológicas e propriedades sintáticas das categorias plenas. Do ponto de vista funcional, por exemplo, nomes deixam de indicar participantes do discurso e verbos não se referem a eventos.

Fonte: Elaboração nossa a partir de Hopper (1991, p. 22-31).

Hopper (1991), ao descrever os princípios acima, conclui que, como a gramaticalização é uma questão de grau, os critérios que controlam essa gradação não são exclusivos da gramaticalização, mas critérios gerais de mudança, e completa que esse deve ser um argumento contra a concepção de estruturas holísticas estáveis na gramática.

#### 1.4 Gramaticalização de verbos

Travaglia (2003), ao tratar sobre a gramaticalização de verbos, remete-nos ao seu “Estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil” (1991), em que define os verbos gramaticais como sendo os de conteúdo de “natureza funcional, gramatical, relacional, dentro dos limites da organização e funcionamento da língua sem referência a elementos do mundo biopsicofísicosocial [...]” (TRAVAGLIA, 2003, p. 306). O autor (*op. cit.*) trabalha com a hipótese de que os verbos constituem uma classe de palavras propensas a se gramaticalizarem, apoiado no fato de que são muito frequentes por serem categoria básica na constituição das sequências linguísticas e que, segundo os estudos sobre gramaticalização (BYBEE, 1985), as formas lexicais de uso muito frequente tendem a se gramaticalizar (TRAVAGLIA, 2003). Dentre os verbos gramaticais, ele propõe uma classificação de acordo com a função e/ou forma.



Segundo essa classificação, há, entre outros, os verbos “carregadores” ou “suportes” de categorias, entre os quais, os verbos de ligação. Como carregadores de categorias (aspecto e flexões, por exemplo), têm característica de verbo; mas, como exercem a função de relacionar/ligar um atributo/característica/estado a um ser ou coisa, têm a característica de conectivos.

O autor (*op. cit.*) afirma considerar os verbos de ligação já como verbos gramaticais pelo fato de (i) não expressarem uma situação, mas um sentido, uma noção semântica muito geral e abstrata, “o que dá as nuances com que ele introduz o atributo, a característica ou estado do seu sujeito. (TRAVAGLIA, 2003, p. 105); (ii) não indicarem situação, função que será atribuída a um nome (complemento predicativo), funcionando como carregadores de categorias; e (iii) exercerem função própria de outra categoria na qual se transformam, no caso, conectivo, o que lhes rendeu o nome na gramática tradicional de verbos de ligação. Outros autores também se debruçaram sobre o *status* gramatical dos verbos.

Coelho e Vitral (2010), ao apresentarem um estudo sobre “O estatuto gramatical dos verbos relacionais”, propõem um percurso que leva à auxiliarização (tratada como um tipo específico de gramaticalização) e afirmam que “os verbos relacionais constituem o primeiro estágio de gramaticalização de um verbo pleno em verbo auxiliar” (COELHO E VITRAL, 2002, p, 95). Segundo essa proposta, interessa-nos ressaltar que os verbos relacionais já são um primeiro estágio da gramaticalização do verbo pleno em auxiliar. O *cline* proposto pelos autores (*op. cit.*) aponta um verbo lexical no estágio inicial do processo, um verbo relacional no estágio intermediário (que pode ou não acontecer) e um verbo auxiliar no estágio final, conforme esquema a seguir, extraído dos autores:

QUADRO 4 – *Cline* de gramaticalização de um verbo pleno em verbo auxiliar

verbo pleno > (verbo relacional) > verbo auxiliar
---

Fonte: VITRAL; COELHO, 2010, p. 95.

Ao longo dessas fases, o verbo “começa a assumir, paulatinamente, usos mais abstratos na língua, até passar a funcionar como auxiliar, que é uma função gramatical.” (COELHO e VITRAL, 2010, p.80). Na fase intermediária desse processo, portanto, estão os verbos relacionais, ou de ligação, que, segundo os autores (*op. cit.*), são verbos

mais abstratos que os verbos plenos, por não possuírem a sua capacidade de referenciação, mas são também menos gramaticais e, portanto, mais concretos que os auxiliares, por possuírem a capacidade de exprimir o aspecto verbal, propriedade que lhe é facultada por um resquício semântico de sua antiga capacidade de referenciação como verbo pleno. (COELHO e VITRAL, 2010, p. 95).

As características acima apontadas (não possuir capacidade de referenciação e exprimir aspecto em função de um resquício semântico da forma plena) conferem aos verbos relacionais (ou de ligação) o estatuto de verbos gramaticais aspectuais. Nesse sentido, pretendemos demonstrar, com o nosso estudo, que o verbo *dormir* em construções com o particípio e em contextos sintáticos específicos perde a capacidade de referenciação e marca aspecto relacionado à semântica da forma lexical, ou seja, muda para a categoria de verbo gramatical aspectual. Antes, porém, discutiremos, no próximo capítulo, sobre a categoria de aspecto.

## 2 A CATEGORIA DE ASPECTO

*Epigrama n. 2*  
*És precária e veloz, Felicidade.*  
*Custas a vir e, quando vens, não te demoras.*  
*Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,*  
*e, para te medir, se inventaram as horas.*  
In *Viagem*  
(Cecília Meireles)

\*\*\*

*Eu vejo o futuro repetir o passado*  
*Eu vejo um museu de grandes novidades*  
*O tempo não para*  
*Não para, não, não para*  
(Cazuza & Arnaldo Brandão)

\*\*\*

*O termo gramatical “tempo” deriva-se do lat. “tempus”, que é a tradução do grego “khrónos”. A categoria do tempo diz respeito às relações temporais na medida em que estas são expressas por contrastes gramaticais sistemáticos.*  
In *Introdução à Linguística Teórica*, 1979 p. 320  
(John Lyons)

\*\*\*

*O “tempo” informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa ocasião que ainda esteja por vir; são, fundamentalmente, três os tempos: presente, pretérito e futuro.*  
In *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 1960, p.113  
(Rocha Lima)

\*\*\*

*Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo. nenhuns tempos vos são coeternos porque vós permanecéis imutável (sic), e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras, o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o do tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, portanto, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer esta pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada passasse, não haveria passado, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não haveria o tempo presente.*

*De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual ele deixará de existir? – Para que digamos que verdadeiramente existe, por que tende a não ser?*

In *Confissões – Livro Décimo-primeiro, Capítulo XIV*  
(Santo Agostinho apud MAFRA, 2014)

\*\*\*

(...) o tempo da linguagem não é o tempo físico, cronológico, aquele que vai passando sempre na mesma direção, levando-nos a ir arrancando folhas do calendário dia após dia, mês após mês, ano após ano (...)  
 In *A Gramática do Português Revelada em Textos*, 2018, p.169  
 (Maria Helena Moura Neves)

\*\*\*

*O tempo é uma ilusão produzida pelos nossos estados de consciência à medida em que caminhamos através da duração eterna.*  
 (Sir Isaac Newton)

\* \* \*

Tempo, tempo, tempo... Os literatos falam do tempo. Os filósofos falam do tempo. Os gramáticos e os linguistas, ao se referirem aos verbos e a suas expressões, falam do tempo. Os falantes da língua falam do tempo. Mas será que todos se referem ao tempo e às suas perspectivas de passado, presente e futuro? Ou será que nos referimos, preferencialmente, ao modo de desenvolvimento dos eventos? “*O amor é fogo que arde sem se ver*”. O verbo *ser*, nesse verso de Camões, se refere a um ato praticado no tempo presente? Ou se refere ao aspecto imperfectivo do estado de ser do amor?

Nesta seção serão discutidas questões relativas ao *tempo*, mas enquanto um recurso para traduzir a duração de um evento, ou seja, vamos abordá-lo sobre a perspectiva do *aspecto* verbal, explorando suas diferentes formas de realização e sua classificação enquanto categoria gramatical. Começemos, pois, por definir *categoria gramatical*.

## 2.1 Categorias gramaticais

De acordo com Lyons (1979), o uso do termo *categoria* é pouco consistente ou pouco uniforme e frequentemente utilizado como “classe” ou “conjunto” para referir-se a qualquer grupo de elementos na descrição linguística. O fato de a teoria gramatical ocidental ter se desenvolvido com base no sistema filosófico *aristotélico* (designação não muito precisa, segundo Lyons (*op. cit.*)) resultou no uso de uma série de termos, dentre os quais, *categoria*, que deriva da palavra grega traduzida como *predicação*, no sentido lógico e filosófico de “atribuir propriedades às coisas”. Assim, segundo a filosofia aristotélica, as *categorias* eram os diferentes modos pelos quais era possível atribuir propriedades às coisas e diferentes predicções resultavam em diferentes modos de “ser”. Considerando-se, ainda, que o mundo físico consiste de coisas (“substâncias”), que têm certas propriedades (“acidentes”), e que a

estrutura da língua refletia a estrutura do mundo, as palavras significavam coisas de acordo com o seu modo de “ser”, como “substâncias” ou “acidentes”. E essa correspondência entre os modos de “ser” e de “significar” tornava possível o conhecimento do mundo. Além disso, a correspondência entre as categorias do “ser”, da “significação” e da “compreensão” justificava a associação da Filosofia, da Gramática e da Lógica.

O fato de a língua ser tanto objeto de análise quanto instrumento com o qual se realizava toda análise filosófica fez com que a teoria das *categorias* tivesse importante efeito na gramática tradicional. Os elementos da língua eram analisados não apenas em “termos de ‘matéria’ e ‘forma’ e, enquanto ‘substâncias’, classificados segundo as suas propriedades ‘acidentais’, mas também eram agrupados em classes (‘partes do discurso’) de acordo com seu ‘modo de significar’ as coisas, suas propriedades e suas relações.” (LYONS, 1979, p. 287). As palavras funcionavam como “signos” e, nesse sentido, eram instrumentos para a descrição e para a compreensão da “realidade”, pela classificação como “partes do discurso” e pelo estabelecimento de padrões, “paradigmas”, de “declinação e de conjugação” (LYONS, 1979).

O autor esclarece, ainda, que a “substância” da palavra distinguia-se dos seus “acidentes”, ou seja, das diversas formas que assumiam de acordo com a função sintática por elas desempenhada, bem como pelo modo próprio de significar. Os substantivos e os adjetivos flexionavam-se em caso (nominativo, acusativo, etc), em número (singular e plural) e em gênero (masculino, feminino e neutro); os verbos, por sua vez, flexionavam-se em tempo (presente, passado e futuro), em pessoa (primeira, segunda e terceira), em modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), em número (singular e plural), em voz (ativa, passiva e reflexiva) e, finalmente, em aspecto (perfectivo e imperfectivo). Assim, as *categorias gramaticais* são as *categorias acidentais* da teoria gramatical, o que justifica o uso do termo *acidente* outrora comumente empregado em referência à *variação flexional*.

Essa breve reflexão filosófica acerca da terminologia *categoria gramatical* nos permite avançar no tema e compreender diferentes conceitos e critérios que se apresentam nos estudos linguísticos. Pautando-se por critério morfológico, Câmara Jr (2004 [1956])<sup>4</sup> assim define *categorias gramaticais*:

---

<sup>4</sup> Sobre a data da 1ª edição da obra referenciada, encontramos a informação de que o *Dicionário de Linguística e Gramática* fora lançado em 1956 pelo Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa (RJ), entretanto, sob o título **Dicionário de Fatos Gramaticais (DFG)**. Em 1965, foi publicada a 2ª edição por J. Ozon-Editor (RJ), dessa vez, com o título **Dicionário de Filologia e Gramática**. Em 1977, postumamente, a Editora Vozes (Petrópolis, RJ) publicou a sétima edição, sob o título de **Dicionário de Linguística e Gramática (DLG)** título que permanece nas edições atuais (disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/YPrYrFpjtj7gbTzCLM9wmg/?lang=pt>). Consideramos referenciar a data da 1ª edição, mesmo que sob outro título.

aspectos do mundo biossocial que são levados em conta na organização gramatical de uma língua e aí se simbolizam por meio de morfemas, que multiplicam as aplicações de uma palavra. [...] As categorias gramaticais, em sentido lato, abrangem as categorias lexicais, correspondentes aos afixos e que servem de base às famílias léxicas, e as categorias gramaticais, em sentido estrito, que se expressam pela flexão externa e interna como as categorias de gênero, número, casos, tempo, aspecto, modo, voz, etc. (CÂMARA JR., 2004 [1956]) p. 70-71).

Cumpramos ressaltar que nossa pesquisa está delimitada à categoria gramatical em sentido estrito, uma vez que tratamos da categoria de *aspecto*, que será definida na subseção 3.3.

Assim como Câmara Jr. (2004 [1956]), Trask (2008) utiliza o critério morfológico explicitando que *categoria gramatical* é uma categoria linguística que modifica a forma de uma determinada classe de palavras em uma língua. Cita, ainda, que os verbos apresentam a categoria de tempo (ama/amou) e podem ser marcados por outras categorias gramaticais como aspecto e voz, mas não explicita quais são os outros critérios adotados para a classificação, além do morfológico. Podemos supor que Trask (2008) aceita o critério sintático (nos mesmos moldes de CÂMARA JR, 2004 [1956]), uma vez que considera voz e aspecto como categoria gramatical. Considerar o critério sintático para a definição de categoria gramatical é, contudo, importante para o português, que tem, nas perífrases verbais, importante recurso de marcação aspectual, conforme será descrito mais adiante.

Uma vez estabelecido o conceito de categoria gramatical e situado o *aspecto* enquanto tal, cumpre-nos empreender uma breve incursão diacrônica a respeito do tema.

## 2.2 O aspecto verbal em latim e suas diferentes formas de expressão

Dado que o português é uma língua românica, daremos início ao exame do tema de que nos ocupamos analisando o *aspecto* verbal em latim e tomando como ponto de partida o sistema indo-europeu. Romanelli (1975) esclarece que o sistema verbal indo-europeu era marcado pela ausência da noção de tempo tal como a concebemos. As noções de presente, de passado e de futuro eram praticamente inexistentes naquele sistema e o processo verbal era considerado sob a perspectiva do *aspecto* para exprimir as “diversas modalidades da duração, segundo se considere o processo num ponto ou no conjunto de seu desenvolvimento, em seu começo ou em seu termo, segundo se suponha inacabado ou acabado, limitado a si mesmo, ou prolongado num resultado.” (ROMANELLI, 1975, p. 200). O autor descreve, ainda, que o processo verbal indo-europeu pode ser considerado sob três diferentes *aspectos*: 1. em sua

duração ou desenvolvimento (identificado pelos linguistas como *presente*); 2. em si mesmo (*aspecto zero*, chamado de *aoristo*<sup>5</sup> pelos gregos); 3. em seu termo, como ação já realizada ou como resultado adquirido (*perfeito*).

Sobre as mudanças linguísticas ocorridas nas línguas indo-europeias com o passar do tempo, Romanelli (1975) explica que

nenhuma língua, dentre quantas compõem a família indo-europeia, herdou integralmente a primitiva complexidade peculiar ao sistema. [...] A característica mais notável desse sistema era a ausência da noção de tempo, *tal como* no-lo representam, não só as línguas modernas, mas até mesmo algumas antigas, entre as quais sobressai o Latim. Nossa divisão de tempo, entre presente, passado e futuro, era então praticamente inexistente. A ação verbal, ou, como habitualmente se diz, o processo, não era considerada sob a perspectiva do tempo, mas do aspecto (ROMANELLI, 1975, p. 199-200).

Dessa feita, o latim inovou, ao construir seu sistema verbal a partir de dois temas, *presente e perfeito*, atribuindo a eles um caráter temporal. Romanelli (1975), sobre o sistema verbal latino, observa que

se, de um lado, se registraram, aqui e ali, no início da tradição literária, sobrevivências da categoria de aspecto, de outro lado, a categoria de tempo ia, a pouco e pouco, penetrando o sistema, de modo que acabou por suplantar definitivamente a categoria de aspecto, resultando daí que o *infectum* passou a indicar a ação imperfeita, inacabada e o *perfectum*, a ação consumada, acabada. (ROMANELLI, 1975, p. 202).

É importante ressaltar, aqui, a etimologia dos termos *presente e perfeito* para percebermos que eles não trazem em si, necessariamente, relação com o tempo, mas com o *aspecto*. *Presente* é o particípio do verbo *esse*, somado ao prefixo *prae*, que introduz a ideia de ‘estar à frente’ (ação inconclusa). O *perfeito*, por sua vez, é particípio do verbo *facere* somado ao prefixo *per*, que introduz a ideia de ‘acabar’ (ação conclusa). (MAFRA, 2014, p. 34-35). A partir dessa breve incursão etimológica, vê-se que o latim estabeleceu um sistema verbal baseado em dois temas e priorizou o *tempo* como eixo da sua conjugação em detrimento do *aspecto*, porém, não o desconsiderou, conforme as ideias de *perfectum* (acabado) e de *infectum* (inacabado) que os temas trazem. Essa herança passou à nossa língua em que o tempo, à

---

<sup>5</sup> Castilho (1968) cita que, em relação aos verbos gregos, era possível distinguir os “graus do tempo” (presente, passado e futuro) e, também, a “qualidade do tempo” com suas três possibilidades: a) ação durativa – formas do tema do presente; b) ação incipiente – formas do tema do *aoristo*; c) ação completa – formas do tema do perfeito. Ainda, o autor esclarece que o valor aspectual do *aoristo* é a “indicação do processo que não é considerado nem antes nem depois de seu termo”. (CASTILHO, 1968, p. 36).

primeira vista, parece, nos termos de Câmara Júnior (1989 [1941]), constituir “a própria alma do verbo”.

Se, contudo, no português, como será visto adiante, não temos um morfema de *aspecto*, como o temos para outras categorias verbais, isso não é uma herança latina. Eram ricos e variados os recursos em nossa língua-mãe para expressão do *aspecto*. Segundo nos ensina Mafra (2014), no *perfectum*, a marca distintiva de *aspecto* era o acréscimo de um morfema (-u- ou -s-) junto ao radical, antes dos sufixos flexionais de modo-tempo. Ex.: *coluīt* (perfeito) x *colit* (imperfeito); *scripsit* (perfeito) x *scribit* (imperfeito). Em outras situações, aplicava-se o redobro da sílaba inicial da raiz para marcar o perfeito. Ex.: *cucurrit* (perfeito) x *currit* (imperfeito). Outro recurso era a alternância vocálica na raiz, como no verbo *fazer*, que apresentava a forma *fecit* (perfeito) x *facit* (imperfeito). Na falta do *aoristo*, havia também o perfeito supletivo e o uso de formas alternadas de uma mesma raiz para indicar *aspecto determinado* (a ação considerada em um ponto do seu desenvolvimento – o início, a chegada ao fim) e *aspecto indeterminado* (processo sem limitação). A fim de alcançar tais representações, há, ainda, outras estratégias de marcação aspectual no latim, como o presente com infixo nasal (*aspecto determinado* – ato momentâneo), e a adição de prefixos (*cum, ab, ex, ob, per, ad, de*) a verbos simples de *aspecto durativo* (*aspecto pontual* – ingressivo ou terminativo) (MAFRA, 2014, p.35-36).

Outras formas de expressar o *aspecto* em latim são a) o uso do particípio passado indicando ação acabada<sup>6</sup> e também resultado da ação: *conservatus* (‘poupado’ e ‘o que foi poupado’); b) a escolha do tempo imperfeito: *solebam* (‘eu costumava’) *cupiebam* (‘eu gostaria’), ou perfeito *volui* (‘eu quis’); c) o emprego de sufixos: *-tate* e *-itare*: *saltitare* (‘saltitar’) usados na formação de verbos frequentativos (*aspecto iterativo*), e *-sco*: *senesco* (‘envelheço ou começo a envelhecer’) formando verbos incoativos, designando o início da ação (MAFRA, 2014).

As diversas marcações aspectuais do latim acima descritas fazem-nos pensar que a classificação do *aspecto* como categoria gramatical nessa língua seja pacífica. No entanto, tal proposição encontra posicionamentos divergentes.

Citando Ernout-Thomas, Mafra (*op. cit.*) diz que, afora a distinção *inflectum* x *perfectum*, o *aspecto* verbal no latim não pode ser considerado “uma categoria gramatical

---

<sup>6</sup> Câmara Jr. (2008 [1969]), ao falar sobre as formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio e particípio) afirma que a oposição entre elas é aspectual. Para o autor, “entre o gerúndio e o particípio há, essencialmente, uma oposição de *aspecto*: o gerúndio é <<imperfeito>> (processo inconcluso), ao passo que o particípio é de *aspecto* concluso ou perfeito”. O valor de pretérito ou de voz passiva (com verbos transitivos) que às vezes assume não é mais que um subproduto do seu valor de *aspecto* perfectivo ou concluso.



claramente determinada, de expressão constante e precisa” e que o *aspecto* é mais uma questão de vocabulário e de estilística. Enquanto autores franceses reforçam a ideia de que o *aspecto* é um recurso estilístico, Borba (1991) assim o define: “categoria que expressa o grau de desenvolvimento ou de duração do estado de coisas expresso pelo verbo.” (BORBA, 1991, p. XVIII).

Câmara Jr. (1989 [1941]) aponta, ainda, que o sistema verbal latino se organizava em três categorias verbais: o aspecto (concluso ou inconcluso), a ocasião da ocorrência, tendo como referência o momento em que se fazia a comunicação (pretérito, presente e futuro), e o modo (apreciação do falante).

Embora o eixo da conjugação verbal latina tenha se firmado na expressão do tempo e das relações dos tempos entre si (tempos relativos e tempos absolutos) em detrimento das oposições aspectuais, podemos afirmar, pelo exposto, que o *aspecto* latino é uma categoria gramatical e não apenas uma questão de estilística. Além da oposição *concluso* x *inconcluso*, a existência de recursos de marcação aspectual para indicar duração do processo associada aos conceitos de categoria gramatical nos permitem tal conclusão.

### 2.3 O aspecto verbal no português brasileiro (PB)

Considerando o caráter dinâmico das línguas, e “acostumados, pela tradição histórico-comparativa e neogramática, a privilegiar a mudança, quase perdemos a capacidade de examinar o estável, o permanente, o duradouro.” (VOTRE, 2000, s.p.). Essa permanência pode ser observada na passagem do latim ao português, em que a prevalência do tempo como eixo da conjugação verbal se manteve. “A língua portuguesa tem origem no latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitânia, e cá modificado; ou mais propriamente, é uma evolução desse latim.” (VASCONCELOS, 1911, *apud* BECHARA, 2010). Dessa forma, português e latim apresentam semelhanças e diferenças para marcação de *aspecto*, o que justifica nossa opção pela abordagem do tema nessas duas línguas.

Uma diferença importante entre elas reside no fato de que, no latim, conforme mostrado na subseção anterior, a marcação aspectual era basicamente morfológica, enquanto, na língua portuguesa, o aspecto funciona tanto no nível lexical quanto no gramatical. Castilho, (1968) no § 43 e seguintes, expõe e exemplifica as diversas formas de expressões aspectuais do português. Introduce o tema, dizendo que considera o *aspecto* uma categoria de natureza léxico-sintática, uma vez que pode ser representado pelo sentido próprio do verbo (*começar* – aspecto

inceptivo), pela flexão temporal (*andava* – aspecto durativo), pelos adjuntos adverbiais (*lentamente* – aspecto durativo), pelos tipos oracionais (as coordenadas alternativas, indicando iteração: “As crianças *ora brincavam, ora choravam.*”), pelas perífrases verbais (*anda saindo* – aspecto durativo) e pelo complemento do verbo (“Deu *a última badalada*” – aspecto pontual iterativo), além de citar, também, o contexto como expressão do *aspecto*. Barroso (1994), reforçando a posição de Castilho (1968) sobre a natureza léxico-sintática da categoria de *aspecto*, também nos apresenta as formas de representação aspectual e, por sua vez, as descreve classificando-as em dois grupos: (i) “realização não gramatical” e (ii) “realização gramatical”. O primeiro grupo encerra as expressões “lexical” e “contextual” e expressa os valores aspectuais por meio de semantemas verbais (*continuar* – aspecto durativo), de afixos (*saltar* – iteração) e de adjuntos adverbiais (*já chove* – aspecto inceptivo). Já o segundo grupo compreende as expressões “flexional” e “perifrástica”. Relativamente a essas últimas expressões cumpre ressaltar que no português, por herança latina, a “expressão flexional” tem por função primária indicar tempo, modo, número e pessoa e, subsidiariamente, *aspecto*. A “expressão perifrástica”, por outro lado, apresenta maior produtividade na marcação aspectual dentre as formas de representação gramatical (BARROSO, 1994), além dos verbos de ligação.<sup>7</sup>

Embora Barroso (*op.cit*) circunscreva seu estudo ao português europeu, os resultados que apresenta encontram eco nos estudos do português brasileiro. Aqui, como lá, as perífrases verbais atuam de forma a suprir a deficiência das formas verbais simples em relação à expressão do *aspecto*. Apresentamos a seguir alguns exemplos que ilustram a marcação aspectual das perífrases verbais no português brasileiro.

- (a) Com gerúndio: V1<sub>ESTAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub> como em *estou comendo, estava comendo, estive comendo* e *estarei comendo*. Em todos esses casos, independente da flexão de tempo do verbo auxiliar, o aspecto cursivo está marcado. Também é o caso da perífrase V1<sub>VERBO DE MOVIMENTO</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub> (*vinha construindo*) descrita por Tenuta e Coelho (2018); ainda, V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub> (*anda perguntando*) e V1<sub>RVIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub> (*vive protestando*) estudados por Ferreira e Coelho (2021).
- (b) Com infinitivo: Almeida (1980) cita a perífrase verbal com infinitivo como a mais produtiva na marcação aspectual, pelo caráter abstrato dessa forma nominal. Temos em Coelho e Drumond (2015) os seguintes exemplos de perífrases com infinitivo: V1<sub>PEGAR</sub> + Prep<sub>A</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub> (*pegaram a conversar*) e V1<sub>(A)GARRAR</sub> + Prep<sub>A</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub> (*garrou a falar*).

<sup>7</sup> Interessa-nos neste estudo a marcação aspectual gramatical expressa pelo verbo de ligação, particularmente o verbo *dormir*, em construção com participípio.

(c) Com participípio: Castilho (2020) ilustra o *aspecto* resultativo com perífrases no participípio com os seguintes exemplos: “**Está acabado**, coitado!”, “**Encontra-se pressionado** pelas circunstâncias” e “**Manteve-se calado.**”, dentre outros. (CASTILHO, 2020, p. 451, grifo do autor).

Conforme demonstrado, a produtividade das perífrases verbais enquanto marcadores aspectuais no português brasileiro é fato reconhecido na literatura sobre o tema, mas vamos nos prescindir de aprofundar nessas formas de marcação aspectual para nos restringirmos ao nosso objeto de estudo, qual seja, a gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o participípio para marcar *aspecto* no português brasileiro.

Uma vez estabelecido que o *aspecto* é uma categoria verbal e após a rápida explanação acerca do tema tanto no latim quanto no português, cumpre-nos apresentar alguns dos importantes conceitos formulados ao longo dos estudos linguísticos a respeito dessa categoria. Para tanto, trazemos algumas definições apresentadas por autores que se debruçaram sobre o tema. Castilho (1968), em seu trabalho seminal sobre essa categoria, diz que *aspecto* é a visão espacial do processo; é a visão objetiva (em oposição ao tempo, que é dêitico e, portanto, subjetivo) da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou de desenvolvimento.

Câmara Jr. (2004 [1956]), centrando-se mais na ideia de duração afirma que o *aspecto* é a

propriedade que tem uma forma verbal de designar a duração do processo (momentâneo ou durativo) ou o aspecto propriamente dito sob que ele é considerado pelo falante (ex.: em seu começo – incoativo; em seu curso e ainda inconcluso – imperfeito; em seu fim já concluso – perfeito; concluso, mas permanente em seus efeitos – permansivo). (CÂMARA JR., 2004 [1956], p. 60).

Explorando ainda a noção de duração, Romanelli (1975) considera que o *aspecto*

constitui uma categoria gramatical que consiste em exprimir, mediante formas especiais, as diversas modalidades da duração, segundo se considere o processo num ponto ou no conjunto de seu desenvolvimento, em seu começo ou em seu termo, segundo se suponha inacabado ou acabado, limitado a si mesmo, ou prolongado num resultado. (ROMANELLI, 1975, p. 200).

Os conceitos ora apresentados mostram que não há divergências nucleares quanto à conceituação do *aspecto* verbal, já que os autores são unânimes ao se referirem à duração do evento verbal nos conceitos que apresentam, como será discutido adiante.

No entanto, sua propriedade de traduzir a duração denota que os limites entre as categorias de *aspecto* e de *tempo* são um tanto tênues, o que, por vezes, gera certa confusão entre elas. Do ponto de vista conceitual, tal confusão pode ser atribuída ao fato de ambas as categorias estarem ligadas ao *tempo* como uma categoria geral, mais abstrata do que a que expressa a categoria verbal ou a flexão temporal. Travaglia (2014 [1981]) apresenta uma distinção para a polissêmica palavra *tempo* e a descreve em três sentidos básicos:

- 1) Tempo 1 – categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente, futuro). Falaremos então em **tempo**;
- 2) Tempo 2 – flexão temporal (...) flexões da conjugação verbal: pres. do ind., pret. imp. do ind., fut. do pres., fut. do subj., etc. Falaremos então em **tempos flexionais**;
- 3) Tempo 3 – a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. Falaremos então de TEMPO (com letras maiúsculas). (TRAVAGLIA, 2014 [1981], p. 40).

Apesar de ambas as categorias – *tempo* e *aspecto* – se referirem ao TEMPO (Cf. TRAVAGLIA, *op. cit*), elas não se confundem. Castilho (1968) diferencia *aspecto* e *tempo* pela característica objetiva do primeiro em contraponto à subjetividade da noção temporal. E esclarece que essa visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou de desenvolvimento atendem à etimologia da palavra, que tem a raiz *spek* = ver (CASTILHO, 1968). Comrie (1976), assim como Castilho (1968), estabelece que a categoria de tempo é dêitica, uma vez que indica a situação verbal em relação ao momento da enunciação. Por sua vez, a categoria de aspecto não é dêitica, dado que se refere à situação em si; à constituição temporal interna dos fatos enunciados (COMRIE, 1976). Castilho (1968) ressalta que o conceito por ele formulado talvez fosse aperfeiçoado quando houvesse uma quantidade razoável de estudos sobre o tema.

Dessa forma, podemos dizer que Travaglia (2014[1981]), em seu trabalho sobre o aspecto verbal no português, se não aperfeiçoou o conceito, contribuiu para a sua construção. Ele referencia os autores clássicos e ressalta os pontos congruentes entre as diversas conceituações, enumerando-os em cinco: (1) maneira de ser da ação; (2) indicação da duração do processo – da sua estrutura temporal interna; (3) indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo; (4) envolvimento do tempo; (5) marcação de oposições – término/não término, início, resultado, etc. Travaglia (2014[1981]) justifica sua escolha pelos pontos (2), (3), e (4) como norteadores do conceito que apresenta, alegando que o ponto (1) pode levar à confusão entre elementos não aspectuais ligados tanto ao modo verbal quanto à modalidade e que o ponto (5) auxilia apenas a perceber a generalização que envolve as oposições e noções arroladas (término/não término, início, resultado, etc.) Assim, foi

introduzida a ideia de fases do processo de acordo com o ponto de vista considerado: fase do desenvolvimento (início, meio e fim), do completamento (situação incompleta e situação completa) e da realização (situação por começar, situação começada ou não acabada e situação acabada). Feitas essas considerações, apresentamos o conceito de aspecto formulado por Travaglia (2014[1981]) e que também adotaremos para fins deste estudo:

**aspecto** é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 2014 [1981], p. 42).

Neves (2018) aborda a categoria de *aspecto* associando-a à flexão verbal modo-temporal. Afirma que tanto o pretérito perfeito quanto o mais-que-perfeito do indicativo exprimem a noção de perfectivo (acabado) e que o presente e o pretérito imperfeito do indicativo carregam a noção de imperfectivo (não completado). Tal relação entre tempos verbais e noções aspectuais apresentada pela autora evoca a forma como as categorias de *tempo* e de *aspecto* eram concebidas no latim, fato descrito em seção anterior, quando tratamos da etimologia dos termos *presente* e *perfeito*. Dentro dessas duas marcações aspectuais mais amplas (perfectivo e imperfectivo), a autora estabelece que há noções aspectuais mais específicas, que podem ser expressas<sup>8</sup> tanto pela flexão modo-temporal, como por verbos auxiliares, por sufixos e por prefixos verbais, por adjuntos adverbiais, pela quantificação de termos como sujeito e complemento (sujeito composto de elementos no plural ou no singular e sujeito no plural e complemento no plural ou singular) pelo próprio arranjo textual.<sup>9</sup> Nesse contexto, a autora elenca como noções aspectuais mais específicas, a resultativa<sup>10</sup>, a pontual e a terminativa, dentro da categoria de aspecto perfectivo. E, também, as noções aspectuais inceptiva e cursiva, dentro da categoria de aspecto imperfectivo.

Apesar de ser uma categoria que passou a ser explorada de modo mais sistemática no século passado, no âmbito da linguística, a categoria do *aspecto* é mais bem descrita que nas gramáticas normativas. As gramáticas normativas, nos capítulos referentes à classe dos verbos, abordam a categoria de *aspecto* (quando o fazem) de forma pouco esclarecedora. Nossos gramáticos são unânimes em afirmar que os verbos constituem, dentre as classes de palavras,

<sup>8</sup> Assim como Castilho (1968) e Barroso (1994), Neves considera a marcação léxico-sintática do *aspecto*.

<sup>9</sup> Embora a autora expanda os recursos aspectuais, incluindo o “arranjo textual” como possibilidade de expressão da noção aspectual, a construção que constitui nosso objeto de estudo não está contemplada na categorização proposta por Neves (2018).

<sup>10</sup> Não há consenso sobre *resultativa* ser uma marcação aspectual. O quadro aspectual do português brasileiro por nós adotado (mostrado mais adiante) não a considera, assim como a noção aspectual *terminativa*.

aquelas que mais apresentam flexões (CEGALLA, 1985) ou acidentes gramaticais (LIMA, 1960) para exprimir as ideias de voz, de modo, de tempo, de número e de pessoa. Travaglia (2014 [1981]) apresenta um rico trabalho sobre o tratamento dado ao *aspecto* na tradição gramatical. O autor especifica que é possível encontrar dois tipos de referências a essa categoria nos trabalhos disponíveis: a referência direta, quando se fala explicitamente sobre *aspecto*, seu conceito, suas formas de expressão e apresenta um quadro aspectual; a referência indireta, quando não há menção específica a *aspecto*, mas a noções que são nitidamente aspectuais.

Tal lacuna relativamente ao tratamento dado ao *aspecto* nas gramáticas é também mencionada por Bagno (2012) que, ao descrever os verbos e suas categorias, observa que o desprezo pelo *aspecto* pela tradição escolar evidencia os graves problemas teóricos e metodológicos no ensino de língua na educação ocidental. Conforme mencionado anteriormente, privilegiar o tempo do ponto de vista descritivo é um reflexo do latim na língua portuguesa. Muito comumente é possível encontrar um aluno do Ensino Fundamental ou mesmo do Ensino Médio que pouco ouviu sobre *aspecto* e, em decorrência disso, apresenta dificuldade para entender quando o professor estabelece que o tempo presente expressa o que ocorre no momento da fala (caráter dêitico do tempo). Se o aluno pensa em exemplos como *Ana estuda inglês* ou *Chove muito no verão brasileiro*, a explicação do professor não faz sentido. É muito claro nesses exemplos que o presente está marcando o aspecto imperfectivo dos fatos expressos pelos verbos *estudar* e *chover* (caráter não dêitico do *aspecto*) e não expressando um ato que acontece no momento da fala (caráter dêitico do tempo.) Como vimos, o termo *presente* muito mais se caracteriza por expressar *aspecto* que *tempo*. Entretanto, tal fato é, em geral, desconsiderado nas nossas salas de aula.

Se, por um lado, as gramáticas normativas não tratam do *aspecto* verbal de forma categórica, por outro, quando se trata de especificar os verbos de ligação como marcadores aspectuais por excelência, percebemos que alguns gramáticos avançaram na descrição, conforme passamos a resenhar. Essa abordagem nos interessa de modo particular porque, segundo nossa hipótese, o verbo *dormir* em construções com o particípio, gramaticalizou-se como verbo de ligação, passando, pois, a marcar *aspecto*.

### 2.3.1 Verbos de ligação enquanto marcadores aspectuais

Lima (1960), ao conceituar predicado nominal, assim o exemplifica: *Pedro é/está/anda/permanece/continua/ficou/parece doente*. Estabelece que, nos predicados nominais, o verbo serve apenas para relacionar o predicado com o sujeito, exprimindo os vários *aspectos* sob os quais se considera essa relação. Denomina esses verbos como *verbos de ligação* e observa que *é* expressa um aspecto permanente, enquanto *está* apresenta a noção de um aspecto transitório. (LIMA, 1960, grifo nosso). As gramáticas, em geral, concebem os verbos de ligação como um “elo entre o sujeito e o predicativo” (CEGALLA, 1985, p. 277), o que atesta sua natureza gramatical.

Na mesma linha, Chaves de Melo (1968) aborda os verbos de ligação como um “liame verbal”, expressão que melhor aponta o valor conectivo desses “esquisitos verbos”. Acrescenta o caráter *sui generis* dos verbos de ligação, uma vez que, além de ligarem o sujeito ao seu predicado, têm aspectos, dois acidentes, duas variantes, duas categorias que são próprias dos verbos: pessoa e tempo. O autor inova ao descrever que, relativamente ao aspecto por eles veiculado, os verbos de ligação *estar, parecer, ficar, permanecer, tornar-se, continuar*, etc, são variantes do verbo *ser* e veiculam aspectos diversos. *Estar*, por exemplo, é “ser por algum tempo” (*O menino **está** doente* em comparação a *O menino **é** doente*). Assim também os verbos *ficar* e *tornar-se* conotam a ideia de “passar a ser”, ou seja, de mudança de estado, como em *João **ficou/tornou-se** sério* (CHAVES DE MELO, 1968). Essa propriedade gramatical de marcar *aspecto* rende aos verbos de ligação o atributo de liames ao qual o autor se refere.

Cunha e Cintra (2016) também estabelecem que os verbos de ligação são conhecidos por expressar estados: (i) permanente (“Eu **sou** a tua sombra.”), (ii) transitório (“Você **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?”), (iii) mudança de estado (“Amaro **ficou** muito perturbado.”), (iv) continuidade de estado (“O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.”) e (v) aparência de estado (“Ela **parecia** uma figura de retrato.”). Embora a categoria de *aspecto* não seja explicitamente mencionada, pode-se inferir que os estados expressos pelos verbos de ligação exprimem os diversos aspectos sob os quais esses estados se apresentam, o que atesta uma similaridade na forma de reconhecer o verbo de ligação como um marcador de *aspecto*. A tradição gramatical avançou, pois, no tema ao mencionar a função aspectual dos verbos de ligação.

Conforme apresentado na subseção 3.3, os trabalhos pesquisados por nós descrevem a natureza léxico-sintática da marcação aspectual no português brasileiro. Em relação ao verbo, as descrições se circunscrevem ao semantema verbal, às flexões verbais e,

principalmente, às perífrases. A propriedade gramatical dos verbos de ligação de marcarem *aspecto* não tem lugar no âmbito dos estudos descritivistas, tal como identificado na tradição gramatical.

Consoante os trabalhos anteriores, Costa (2002) apresenta o *aspecto* verbal nos lexemas (crescer, progredir, desenvolver), nos morfemas derivacionais (ILHAR = dedilhar e EJAR = gotejar), nos tempos verbais (*estudava*) e nas perífrases. Em relação às perífrases, a autora (*op. cit.*) menciona que são aquelas que apresentam os verbos de ligação ou copulativos associados às formas nominais de gerúndio (*aspecto* imperfectivo em curso - processo) e de particípio (*aspecto* imperfectivo resultativo – estado resultante de processo anterior e voz passiva). Enquanto Chaves de Melo (1968) nos apresenta os diversos verbos de ligação como variantes do verbo *ser* (relativamente à marcação aspectual), conforme resenhamos, Costa (2002) propõe que os verbos *ser* e *estar* são selecionados por predicadores específicos. Assim, “*ser* é selecionado por predicadores que exprimem propriedades individuais enquanto *estar* é selecionado por predicadores que exprimem propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais.” (COSTA, 2002, p. 52). Ou seja, o verbo de ligação *ser* é empregado para se referir a um estado permanente (*ser* uma pessoa baixa, alta) enquanto *estar* se emprega para expressar um estado transitório (*estar* cansado, feliz). Costa (2002), citando Mateus *et alii* (1983), sugere que a melhor denominação para esses verbos seria “verbos estativos”, uma vez que veiculam uma variedade de noções semânticas e constituem variantes aspectuais entre si; não seriam, portanto, “meros elementos de ligação sintática [...] e veículo para ‘carregar’ morfemas de Tempo, Modo e Pessoa.” (COSTA, 2002, p. 53). A autora encerra o tópico sobre os auxiliares aspectuais afirmando que todos os verbos de ligação (exceto o verbo *ser*) expressam imperfectividade em perífrases com gerúndio ou particípio<sup>11</sup> e que o verbo *ser* exprime a forma perfectiva, que ela chama de forma neutra aspectual. Ainda que se impute a esses verbos o atributo de marcador aspectual, eles figuram como “verbos auxiliares aspectuais”, porque considerados em perífrases verbais como verbos auxiliares e não como verbos de ligação em contextos de predicado nominal. Assim, não há menção aos verbos de ligação em situações de predicado nominal, construção de nosso interesse nos domínios deste estudo.

Já Neves (2018) menciona os verbos de ligação na descrição dos predicados não-verbais, ou seja, que não possuem um verbo como núcleo, mas um elemento de outra categoria

---

<sup>11</sup> Costa (2002), embora nos apresente um quadro de conjugação aspectual em que figuram as perífrases imperfectivas, não menciona as perífrases com infinitivo, como o fizeram Almeida (1980) e Coelho e Drumond (2015) anteriormente citados por nós.



(substantivo, adjetivo ou pronome); é mencionada a função de ligação (cópula) desses verbos entre o sujeito e o núcleo nominal acima descrito, que assume a função de predicativo do sujeito. Mas, novamente, a marcação aspectual dos verbos de ligação é referida apenas em situação de perífrases verbais: na página 164, a autora (*op. cit.*) enumera os verbos que não são predicados e inclui aqueles “que auxiliam a indicação de aspecto, como *estar* (*estava voltando* e *estivesse indo*, expressões de aspecto cursivo, ou seja, em curso)” (NEVES, 2018, p. 164, grifo da autora). Mais adiante, na página 206, aparecem os verbos *auxiliares de aspecto* e, nesse caso, são apresentadas as perífrases verbais.<sup>12</sup> Segundo a descrição, um verbo aspectual combinado com o verbo principal (núcleo do predicado) em forma nominal (gerúndio, particípio ou infinitivo precedido de preposição) forma uma perífrase ou locução que indicam início, desenvolvimento, término ou repetição do evento, consecução ou aquisição de estado. Não encontramos, pois, menção específica à marcação aspectual dos verbos de ligação.

Castilho (2020) apresenta os verbos de ligação como verbos funcionais, esclarecendo que são aqueles que transferem a propriedade de predicação para o constituinte à sua direita (sintagmas adjetivais, sintagmas nominais, por exemplo) “reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças [...], atributivas [...]” (CASTILHO, 2020, p. 397). Como exemplo de sentenças atributivas temos: “O menino é alto.” e “O menino está doente.” Assim como Neves (2018) e os autores já mencionados, Castilho (2020) reafirma a marcação aspectual perifrástica ao mencionar os verbos auxiliares como indicadores de *aspecto*, tempo, voz e modo. Embora nas páginas seguintes o autor (*op. cit.*) tenha se dedicado a nos ensinar sobre o *aspecto* verbal, ainda não foi possível relacionar os verbos de ligação e *aspecto*, exceto em situações que figuram como verbo auxiliar.

Encontramos também em Travaglia (1991, 2003 e 2004) várias referências às marcações aspectuais dos verbos de ligação em predicados nominais, especialmente em construções com particípio. O autor apresenta verbos que, quando estão em contexto em que funcionam como relacionais (ou de ligação) e seguidos de particípio formam uma construção que marca *aspecto*. Esses trabalhos consideram, não apenas a marcação aspectual dos verbos de ligação, mas também seu processo de gramaticalização<sup>13</sup>, tema que será abordado no capítulo subsequente. Antes, porém, trataremos brevemente de alguns valores aspectuais do português brasileiro.

<sup>12</sup> Assim como Castilho (1968), Barroso (1994), Costa (2002) e demais linguistas por nós aqui referenciados.

<sup>13</sup> Cumpre ressaltar que, mesmo nesses estudos, a construção com a qual trabalhamos não está mencionada.

## 2.4 Os principais valores aspectuais no PB

Considerar os diferentes pontos de vista do processo verbal implica identificar diferentes situações no que diz respeito à sua duração e ao seu desenvolvimento. Castilho (1968) nos apresenta um quadro em que sistematiza o *aspecto* verbal no português e suas subdivisões. Alerta que, ao propor o quadro, não pretende conceber o português como dotado de um mecanismo absoluto, lembrando que “a língua é o produto de um equilíbrio instável em que a tradição e a evolução se digladiam”. (CASTILHO, 1968, p. 50). O quadro a seguir sintetiza os principais valores aspectuais descritos pelo autor.

QUADRO 5 – Valores aspectuais no português segundo Castilho (1968)

VALORES	ASPECTOS
1. Duração	<i>Imperfectivo</i> Inceptivo Cursivo Terminativo
2. Completamento	<i>Perfectivo</i> Pontual Resultativo Cessativo
3. Repetição	<i>Iterativo</i> Iterativo imperfectivo Iterativo perfectivo
4. Negação da duração e do completamento	<i>Indeterminado</i>

Fonte: CASTILHO, 1968, p. 51.

Ao incluir a ideia das fases no conceito de *aspecto*, Travaglia (2014[1981]) amplia o espectro das noções aspectuais, reconhecendo que se valeu do quadro acima proposto por Castilho (1968) não só por ser o trabalho de maior seriedade do *aspecto* na língua portuguesa, como também por apresentar “um quadro que busca dar conta de todos os casos possíveis em uma análise aspectual do Português.” (TRAVAGLIA, 2014[1981]). Assim, o quadro aspectual proposto por Travaglia (2014[1981]) inclui novas noções aspectuais combinadas a algumas noções do quadro a que ele se referencia, o que pode ser visto a seguir:

QUADRO 6 – Quadro aspectual do português segundo Travaglia (2014 [1981])

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS
I - Duração	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada Durativo
			b. Ilimitada Indeterminado
	B. Descontínua	a. Limitada Iterativo	
		b. Ilimitada Habitual	
2. Não duração ou pontualidade			Pontual
II - Fases	1. Fases de realização	A. Por começar A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma opção temporal)	Não começado
		B. Começado ou não começado	Começado ou não acabado
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma opção temporal) C. Acabado	Acabado
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	Inceptivo
		B. Meio	Cursivo
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	Terminativo
	3. Fases de completamento	A. Completo	Perfectivo
		B. Incompleto	Imperfectivo
	Ausência de noções aspectuais		

Fonte: TRAVAGLIA, 2014 [1981], p. 83.

Conforme enuncia Castilho (1968), não há consenso sobre a tipologia aspectual no português brasileiro. Sabemos que há, por exemplo, uma longa discussão na literatura sobre o fato de que o hábito não configura *aspecto*. Costa (2002) trata da questão de forma esclarecedora: ela baseia-se na classificação apresentada por Lyons (1979) segundo a qual as entidades que as línguas representam, no nível semântico, se dividem em entidades de primeira, de segunda e de terceira ordem. Interessam-nos as entidades de segunda ordem, que abarcam os acontecimentos, os processos e os estados (ocorrências que podem ser localizadas no tempo), sendo o verbo a classe de palavras que, não exclusivamente, mas prioritariamente tem o tempo como referência. As entidades de segunda ordem que marcam *aspecto* têm em seu lexema o traço [+ durativo] e devem estar no número singular (não repetição do fato verbal). Tais ideias dizem respeito à constituição temporal interna dos fatos, ponto importante para a constituição

do *aspecto strictu senso* em que se considera cada um dos fatos verbais de *per si*. Costa (2002) ainda esclarece que “o arbítrio do falante pode considerar uma repetição de ações como um processo tomado na sua totalidade, funcionando cada ocorrência do fato verbal como uma fase do processo.” (COSTA, 2002, p.82). Nesse sentido, a autora reconhece a natureza aspectual da habitualidade se ela for decorrente da continuidade (fato no número singular considerado como durativo e não como iterativo), ou seja, se indicar fases do processo. Por fim, Costa (2002) opta por afirmar que a habitualidade por continuidade é uma noção semântica que, do ponto de vista aspectual, pertence ao que ela denomina como *imperfectivo* (COSTA, 2002), posição que nos parece satisfatória.

Castilho (2020) também lança luz à discussão explicitando que o *aspecto* apresenta uma face qualitativa (*perfectivo* e *imperfectivo*) e uma face quantitativa, que compreende a ocorrência singular (*semelfactivo*) e a ocorrência múltipla, habitual ou reiterada (*iterativo*). Ao reconhecer essas duas faces do *aspecto*, é importante ressaltar que não se trata de uma relação de exclusão, mas, ao contrário, “cada ocorrência verbal assume mais de uma face” (CASTILHO, 2020, p.419), ou seja, a variedade de estado de coisas representadas pela predicação verbal demanda um quadro pluridimensional em que os termos não se excluam. Relativamente às discussões sobre o quadro aspectual do português, concordamos que deveríamos adotar um olhar para a classificação aspectual em que, para as classes consideradas problemáticas, a identificação de uma não significasse a exclusão das outras.

QUADRO 7 – Tipologia do aspecto segundo Castilho (2020)

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
Imperfectivo	Perfectivo	Semelfactivo
Inceptivo	Pontual	-
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo	-	Imperfectivo/Perfectivo

Fonte: CASTILHO, 2020, p. 420.

Enfim, não é nosso objetivo neste estudo propor um quadro aspectual do português. Concordamos com Castilho (1968) que não pretende conceber o português como dotado de um mecanismo absoluto. Assim, consideramos que, embora o quadro de Travaglia (2014 [1981]) seja bastante completo, uma vez que contempla, não apenas a duração e o desenvolvimento do *aspecto* verbal, mas também as suas fases (inovação ao conceito de *aspecto*), também apresenta

alguns problemas como a classificação do habitual como *aspecto* (conforme breve discussão apresentada), ou quando insere uma linha para “Ausência de noções aspectuais” – “Aspecto não atualizado” como classificação de *aspecto*.

Uma vez empreendida essa breve incursão acerca do *aspecto* verbal, passamos ao próximo capítulo cujo objetivo é o de descrever a metodologia adotada.

### 3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos descritos neste capítulo resultam de decisões tomadas para alcançarmos o intento de descrever a gramaticalização do verbo *dormir* na construção [*dormir* particípio] no português brasileiro (PB). Nessa construção, o referido verbo funciona, segundo nossa análise, como uma forma relacional que contribui para a marcação aspectual do composto. Pela natureza do fenômeno estudado, que descreve o processo por meio do qual uma forma lexical passa a funcionar também como forma relacional, o ideal seria uma pesquisa sob a perspectiva diacrônica. Dada, contudo, a hipótese de que se trata de um processo de gramaticalização ainda emergente, optamos por um estudo de natureza pancrônica.

#### 3.1 Eleição dos *corpora*

Para compormos a amostragem linguística que servirá à análise, elegemos, inicialmente, o banco de dados *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), a fim de extrairmos dessa plataforma dados para constituição do *corpus* do estudo. Foram utilizados, nesta fase de constituição de *corpus*, tanto a base de dados do “Gênero/Histórico”, quanto a do “NOW”, edição de 2018. Em razão da necessidade de delimitarmos o tamanho do *corpus*, deliberamos por coletar os 30 (trinta) primeiros *tokens* dos 05 (cinco) primeiros *types* dos últimos três séculos (XIX ao XXI – tempo mínimo para se flagrar uma mudança, conforme a literatura sociolinguística), perfazendo, portanto, um total de 450 ocorrências. Buscamos, com esse procedimento, promover um balanceamento dos dados, garantindo que a frequência *type* fosse regular ao longo do período analisado. Cumpre-nos registrar, ainda, que, como nos circunscrevemos ao PB, os *tokens* coletados foram apenas de autores brasileiros e, para assegurar isso, aplicamos o filtro disponível no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) para que apenas as ocorrências do PB fossem selecionadas. Entretanto, o filtro se aplica apenas ao período do século XX. Por isso, realizamos uma pesquisa manual para selecionar apenas os dados produzidos por autores brasileiros nos demais séculos (XIX e XXI).

Os resultados preliminares desses 450 (quatrocentos e cinquenta) dados atestaram a emergência do fenômeno, tal como aventado, e acusaram, portanto, a necessidade de incluir na pesquisa dados linguísticos extremamente recentes, de comunicação rápida e que apresentassem características de informalidade prototípicas de textos orais. Nesse sentido, a

outra fonte de dados eleita para cumprir essa funcionalidade foi a rede social *Twitter*, selecionada por sua característica de informalidade dos textos, por reportar narrativas de fatos cotidianos e por refletir a língua em uso da forma mais atual e informal possível, aproximando-se, em termos do processo de construção textual, da língua falada. A plataforma filtrou os dados em um intervalo de tempo que compreende abril de 2009 a agosto de 2020. Foram coletadas, nesse período, 1.936 (um mil, novecentos e trinta e seis) ocorrências da construção estudada, as quais não entraram na análise quantitativa, mas apenas na qualitativa, conforme justificamos à frente (Cf. 4.1.2).

Uma vez constituída a nossa amostra, os 2.386 (dois mil, trezentos e oitenta e seis) dados foram analisados e computados segundo os critérios sintáticos e semânticos apresentados na seção destinada a descrever os critérios eleitos para o tratamento dos dados (Cf. 4.2).

Os procedimentos adotados para a coleta em cada uma das bases de dados utilizadas para a composição da amostragem linguística que serviu à nossa análise serão detalhados nas subseções a seguir.

### 3.1.1 *Corpus do Português*

Dado nosso propósito de estudar o processo de gramaticalização do verbo *dormir* na construção com o particípio, a busca no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) foi indexada utilizando-se os instrumentos de busca da própria plataforma, de modo a obter as diversas flexões possíveis do lema [dormir]:

FIGURA 1 – Indexação no *Corpus do Português* (Gênero/Histórico)

The screenshot shows the search interface of the Corpus do Português. The title bar reads "Corpus do Portuguese: Genre/Historical". Below the title bar are two tabs: "SEARCH" and "FREQUENCY". The "SEARCH" tab is active. The search area contains a text input field with "[dormir]" entered, followed by "[POS] ?". Below the input field are two buttons: "Find matching strings" and "Reset". There is a checkbox labeled "Sections" which is unchecked, followed by "Texts/Virtual", "Sort/Limit", and an "Options" button. Below these are several settings: "# HITS" set to "5000", "# KWIC" set to "200", "GROUP BY" set to "WORDS", "DISPLAY" set to "RAW FREQ", and "SAVE LISTS" set to "NO".

Fonte: Imagem capturada do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006)

A busca indexada pelo lema [dormir] fez com que obtivéssemos os mais variados contextos de ocorrências. Como consequência, foi necessário expurgar alguns dados que não correspondiam à construção objeto de nosso estudo como, por exemplo, a ocorrência de *dormir* em contexto de adjunto adnominal, ilustrada nos exemplos a seguir:

(3) “[...] penteava-os com esmero, substituía a camisola de dormir por uma camisa finíssima de cambraia crivada” (*Corpus do Português*, séc. XIX. Grifo nosso.)

(4) “Atravessou a rua apoplético e, metendo-se no cubículo que lhe servia de quarto de dormir, atirou-se ao catre com uma explosão de soluços.”  
(*Corpus do Português*, séc. XIX. Grifo nosso.)

Além de situações como a descrita acima, foi necessário eliminar, ainda, as ocorrências em duplicidade, a fim de obtermos uma amostra confiável para a análise quantitativa.

### 3.1.2 *Twitter*

É sabido que, para a constituição de um *corpus*, faz-se necessário observar uma série de parâmetros e critérios sem os quais a confiabilidade dos resultados poderia ser questionada. Dentre eles encontram-se a autenticidade, o tamanho, a amostra, o balanceamento e a representatividade. Dessa forma, o *Twitter*, embora seja uma fonte rica de dados, não se enquadra precisamente nos critérios que definem um *corpus*. Sinclair (2004), ao definir o que não é um *corpus*, cita a *World Wide Web* (WWW) e justifica, principalmente, por apresentar um tamanho desconhecido, por mudar constantemente e por não ter sido projetada a partir de uma perspectiva linguística; alega, ainda, que os diversos mecanismos de busca operam por programas de recuperação diferentes e que não se pode precisar a população amostrada. Entretanto, afirma que “a WWW é um novo recurso notável para qualquer trabalhador em linguagem e que compreenderemos como fazer o melhor uso dela.”<sup>14</sup> (SINCLAIR, 2004, p. 22, tradução nossa). Embora o autor se refira especificamente à WWW, tanto relativamente às restrições quanto às possibilidades, entendemos que as redes sociais disponíveis em aplicativos (como o *Twitter*) se assemelham às características da *web* e estão sujeitas, portanto, às mesmas limitações.

---

<sup>14</sup> Nevertheless, the WWW is a remarkable new resource for any worker in language, and we will come to understand how to make best use of it. (SINCLAIR, 2004, p. 22)



Zappavigna (2012), por seu turno, apresenta um extenso trabalho sobre o uso de redes sociais (especificamente *Twitter*) como *corpus* e entende tratar-se de uma solução alternativa que permite aos pesquisadores construir seu próprio *corpus* quando, por exemplo, o item esteja sub-representado nos *corpora* disponíveis. Além disso, Mair (2004) estabelece que o aumento tardio na frequência pode ser explicado, também, pelo viés do *corpus* (texto escrito, por exemplo). Embora a existência da construção ora estudada não esteja em questão, ela não foi flagrada nos 450 dados coletados no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). Sabemos, contudo, que as formas inovadoras, sejam gramaticais sejam lexicais, tendem a ocorrer inicialmente na língua falada e, só depois, na língua escrita. Dessa feita, visando a contemplar em nossa amostragem também essa modalidade de língua, que constitui, em tese, o *locus* para a mudança linguística, optamos por incluir o *Twitter* como uma segunda base para coleta de dados referentes ao fenômeno pesquisado, que, pelas limitações apresentadas, serão tomados apenas para a análise qualitativa.

A pesquisa nessa fonte de dados se deu por meio de expressões previamente definidas, uma vez que não é possível fazer buscas por lemas, tal como realizado no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), por não se tratar de um *corpus* anotado. As 06 expressões escolhidas para a coleta foram as seguintes:

- a) [dormiu ligada];
- a') [dormiu ligado];
- b) [dormiu acesa];
- b') [dormiu aceso];
- c) [dormiu aberta];
- c') [dormiu aberto].

A seleção dessas seis construções específicas se deve ao fato de estarem mais proximamente relacionadas ao enunciado que motivou a pesquisa: *A porta dormiu aberta*. Além disso, todos os predicativos elencados podem ocorrer em contexto de sujeito [- animado], uma das restrições semânticas para a gramaticalização da construção, conforme aventado.

Utilizamos *tweets* públicos, ou seja, aqueles disponíveis na rede para visualização de todos os usuários que queiram. Apesar disso, a preocupação com o caráter científico do trabalho fez com que alguns procedimentos metodológicos específicos fossem desenvolvidos para a utilização dos dados obtidos nessa rede social. Dado o caráter efêmero das postagens (*tweets*), elas foram salvas em arquivos de imagens, a fim de atestar as ocorrências e de permitir consultas posteriores aos dados tais como se encontravam no momento da coleta.

FIGURA 2 – Exemplo de *tweet* salvo no arquivo de imagens<sup>15</sup>

Fonte: Imagem capturada do *Twitter*.

Em face da necessidade de uma ferramenta de busca que permitisse coletar as seis construções selecionadas para o estudo, criamos uma programação específica, para a pesquisa aqui apresentada, com o objetivo de extrair os dados em forma de texto a partir do *GetOldTweets3*<sup>16</sup>. Para rodar o programa, é necessário que se tenha instalado o *Python*, versão 3.7 ou superior, o *pip*, versão 20.2.2 ou superior, e a biblioteca *GetOldTweets3*.

Apresentamos abaixo as linhas da programação desenvolvida para a extração de dados do *Twitter*<sup>17</sup>, bem como algumas instruções de uso.

QUADRO 8 – Tela do programa de extração dos dados

```
# Requisitos necessários para executar o programa
# >> Python versao 3.7 ou maior
# >> pip versao 20.2.2 ou maior
# >> Instalar a biblioteca GetOldTweets3 (pip install GetOldTweets3)
# Início programa
# Declaração das constantes
limitador = 10000 # Limitacao de Tweets maximos
import GetOldTweets3 as got # Importação da biblioteca GetOldTweets3
# Abertura dos arquivos de texto no modo de escrita binária (wb)
arquivo1 = open("Dormiu_Ligado.txt", "wb")
print('Iniciando a busca pelos tweets, aguarde um momento...' + '\n') # Imprime no terminal que o processo está em andamento
# Definição do filtro dos tweets com a frase "dormiu ligado" e com o limitador
filtro_tweets = got.manager.TweetCriteria().setQuerySearch("dormiu ligado")\
                .setMaxTweets(limitador)
tweets = got.manager.TweetManager.getTweets(filtro_tweets)
for tweet in tweets:
    try:
        encoded = tweet.text.encode("utf8") # Coloca o texto obtido na codificação utf-8
        arquivo1.write(encoded)
        arquivo1.write(b'\n')
    except:
        continue
# Fechamento dos arquivos de texto
arquivo1.close()
print('Operação finalizada.' + '\n') # Imprime no terminal que o processo terminou
```

Fonte: Elaboração nossa, conforme nota de rodapé número 16.

<sup>15</sup> Visando ao atendimento da ética em pesquisa, tanto a imagem quanto os dados do enunciador foram desfigurados na imagem.

<sup>16</sup> Programa desenvolvido por Nicolas Lopes Tostes Barbosa e por Pedro Rabelo de Freitas - alunos do 3º e do 2º ano, respectivamente, do curso de Redes de Computadores do CEFET/MG (2019).

<sup>17</sup> Em razão de sua relevância para as pesquisas linguísticas, estamos desenvolvendo outra versão do programa aqui utilizado a fim de implementar mais recursos e eliminar algumas limitações. O programa estará disponível on-line em breve. Para mais informações, por favor, entrar em contato pelo endereço eletrônico: anapaularabelo04@gmail.com.

É possível utilizar o programa acima para realizar buscas de qualquer outra expressão que se queira pesquisar; basta inseri-la na linha de definição dos filtros dos *tweets* e rodar o programa. Essa é, portanto, uma ferramenta que possibilita converter em arquivo de texto os *tweets* publicados. Dessa forma, pesquisadores que necessitem utilizar dados do *Twitter* para a composição de um *corpus* para pesquisas futuras podem se valer dessa ferramenta, o que configura uma modesta contribuição de nosso estudo para o desenvolvimento de tecnologias para trabalho com *corpus* extraídos de redes sociais. Uma vez finalizada a escrita do programa, nós executamos o arquivo abrindo o cmd (processador de comandos do *Windows*) no diretório onde o arquivo de programa está salvo e digitamos o seguinte comando: python (nome escolhido para o arquivo).py para a extração dos dados.

Os dados extraídos foram tratados no programa *Notepad ++* para posterior análise no programa *AntConc* (ANTHONY, L., 2019) Esse programa nos possibilitou verificar as ocorrências das expressões de modo a favorecer a análise relativamente aos contextos de uso como, por exemplo, quanto ao traço de [+ ou - animacidade] do sujeito.

FIGURA 3 – Exemplo de uma linha de concordância obtida no *AntConc*



Fonte: Imagem capturada do programa *AntConc*.

### 3.2 Tratamento dos dados

Os 2386 (dois mil, trezentos e oitenta e seis) dados coletados foram analisados e categorizados segundo os critérios e os princípios que apresentamos a seguir.

### 3.2.1 Critério sintático: contextos de predicação da forma

#### (i) Predicado verbal:

- (a) Verbo intransitivo: “Recolheu-se, **dormiu**.” (*Corpus do Português*, séc. XIX. Grifo nosso.)
- (b) Verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial: “**Dormiu aqui** o assassino.” (*Corpus do Português*, séc. XIX. Grifo nosso.)
- (c) Verbo transitivo indireto (acepção de compartilhar a cama/ter relação sexual): “Você **dormiu** com ele? - Acho que eu **dormi** com quase todo mundo desta cidade.” (*Corpus do Português*, séc. XX. Grifo nosso.)

#### (ii) Predicado verbo-nominal:

- (a) Verbo intransitivo seguido de predicativo do sujeito: “**Dormiu insatisfeito**, com a consciência pesando, sabia que boa semente não tinha plantado.” (*Corpus do Português*, séc. XX. Grifo nosso.)

#### (iii) Predicado nominal:

- (a) Verbo relacional mais predicativo do sujeito: “a janela do meu quarto **dormiu aberta** qual a possibilidade que teria de alguém ter entrado e me matado?” (*Twitter*, agosto de 2020. Grifo nosso.)

### 3.2.2 Critério semântico

Para o critério semântico de categorização, levamos em conta que a gramaticalização compreende o percurso de uma forma/construção de uso/função do [+concreto] para o [+abstrato]. Tratamos como concreto o sentido etimológico do verbo e, como abstratos, aqueles que resultam de expansão semântica ao longo do tempo, segundo proposto por Coelho (2006). Para o verbo objeto de nosso estudo, portanto, o sentido etimológico a ser considerado foi “deixar de estar acordado, descansar no sono’ XIII.” (CUNHA, 1997. p. 277). Dessa forma, analisamos e quantificamos as ocorrências do verbo considerando sua acepção [+concreta] e os diversos usos [+abstratos], conforme ilustramos a seguir:

- (5) “Não aporrinhem, o velho **dormiu**.” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso.) [+ concreto]
- (6) “Bem ou mal, vamos votar tudo o que esteja no Senado. Não quero ninguém dizendo que um projeto **dorme** nesta Casa.” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso.) [+ abstrato]
- (7) “A cidade **dormia** entre morros; as igrejas e os sobrados brancos sobressaindo-se na penumbra.” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso.) [+ abstrato]

Outro critério semântico considerado para a nossa análise diz respeito ao traço de animacidade do sujeito, restrição semântica apontada como relevante para o contexto da gramaticalização ora estudada.

- (8) “Cecília **dormia** tranqüilamente; sua respiração ligeira ressoava com a harmonia doce e sutil.” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso.) Sujeito [+ animado]
- (9) “[...] vivia ainda no passado, no meio das tristes recordações que despertavam quando o mundo **dormia**.” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso.) Sujeito [- animado]
- (10) “ontem eu surtei porque a luz da sala **dormiu acesa** e me incomodou no quarto rs eu não suporto luz, pqp” (*Twitter*, agosto de 2020. Grifo nosso.) Sujeito [- animado]

Percebemos, conforme será discutido no próximo capítulo, que os usos [+ abstratos] do verbo na construção se relacionam ao traço de [- animacidade] do sujeito.

### 3.2.3 Princípios de gramaticalização

Por fim, o terceiro critério de análise considerado, com vistas a testar a hipótese de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio para marcar aspecto, foi a aplicação dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991). Tais princípios que passamos a descrever, foram escolhidos por se tratar, conforme já apresentado, de um processo emergente de gramaticalização:

- (i) Estratificação: segundo esse princípio, dentro de um domínio funcional, novas camadas surgem e coexistem com as já existentes. Ou seja, quando uma forma emerge em um domínio funcional não há necessariamente a substituição da forma

equivalente existente. Desse modo, a expectativa é que haja nos dados do *corpus* tanto ocorrências lexicais quanto gramaticais do verbo *dormir*.

(ii) Divergência: segundo esse princípio, um item lexical se gramaticaliza em um contexto e não o faz em outros. A expectativa é que haja algum contexto específico que favoreça a gramaticalização do verbo *dormir* como verbo relacional aspectual.

(iii) Especialização: esse princípio se relaciona aos estágios finais da gramaticalização, quando há o estreitamento de formas pertencentes a um mesmo domínio. Se, inicialmente, é possível uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas, nos estágios finais da gramaticalização, percebe-se um estreitamento de escolhas que caracteriza uma construção gramatical emergente. No caso de nosso objeto de estudo, espera-se que a construção aspectual [*dormir* particípio] apresente um sentido mais especializado relacionado a permanecer por um intervalo de tempo relativo a uma noite.

(iv) Persistência: aqui, a forma gramaticalizada mantém alguns traços semânticos da forma lexical e o sentido etimológico da forma pode resultar em restrições na distribuição da forma gramaticalizada. Acredita-se que o esquema mental que relaciona *dormir* à noite esteja na base da noção semântica aspectual da construção.

(v) Descategorização: o princípio da descategorização estabelece que no processo de gramaticalização ocorre a perda ou a neutralização de marcas morfológicas e de propriedades sintáticas das categorias plenas nome/verbo, que assumem atributos de categorias secundárias. A descategorização acarreta perda da autonomia discursiva da forma. Os nomes, por exemplo, deixam de identificar os participantes no discurso e os verbos deixam de se referir a eventos novos. No caso de nossa construção, a descategorização parece estar associada aos traços de animacidade do sujeito.

Relativamente à análise quantitativa dos dados, trabalhamos, conforme descrevemos, com um total de 450 dados brutos, cujos percentuais foram calculados segundo regra de três simples.

Descrita a metodologia por nós adotada, passamos à apresentação e à discussão dos resultados.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nossa análise dos dados visou a responder às perguntas formuladas na introdução do presente trabalho à luz do referencial teórico por nós adotado, a fim de testar a (in)adequação da hipótese principal: o verbo *dormir*, em construções com o particípio [*A porta dormiu aberta*], funciona como verbo de ligação em um predicado nominal e, como tal, é um marcador gramatical de *aspecto*, conotando a ideia de que o evento expresso pela forma verbal no particípio tem uma duração determinada, mais especificamente, restringindo-se ao intervalo de tempo correspondente a uma noite. Para alcançarmos tal intento, guiamo-nos pelos critérios descritos no capítulo precedente.

Inicialmente, os dados serão descritos e analisados quantitativamente, tanto em relação ao critério sintático (contexto de predicação da forma), buscando propor um *cline* do fenômeno de mudança do estatuto categorial do verbo *dormir* [forma significativa > forma relacional], quanto segundo os critérios semânticos de abstração e de animacidade do sujeito. Buscamos, assim, identificar os fatores cognitivos, semânticos e sintáticos que concorrem para a gramaticalização do verbo *dormir* na construção com o particípio, tal como nos propusemos a estudar.

Passamos, na sequência, à análise qualitativa dos 2.386 (dois mil, trezentos e oitenta e seis) dados de nosso *corpus*, a partir dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991). Nessa etapa, identificamos, ainda, os valores aspectuais da construção levando em consideração os recursos que contribuíram para a sua marcação aspectual.

Focados na busca por pistas das propriedades da forma e do sentido da construção, identificamos usos como os que trouxemos na seção 5.5. Assim, finalizamos este capítulo com a análise de enunciados em que os falantes tecem comentários acerca do uso da construção ora estudada (metadados). Tais comentários são feitos, obviamente, sem o arcabouço dos estudos linguísticos, mas com conhecimento de usuário da língua, fato que não pode ser desprezado por nenhuma teoria linguística.

#### 4.1 Critério sintático: contexto de predicação da forma

Considerando-se que a gramaticalização de uma forma verbal resulta de um processo em que um verbo de natureza lexical passa a desempenhar também funções gramaticais, cumpre-nos discutir o percurso da construção por nós estudada relativamente ao contexto de predicação do verbo *dormir*.

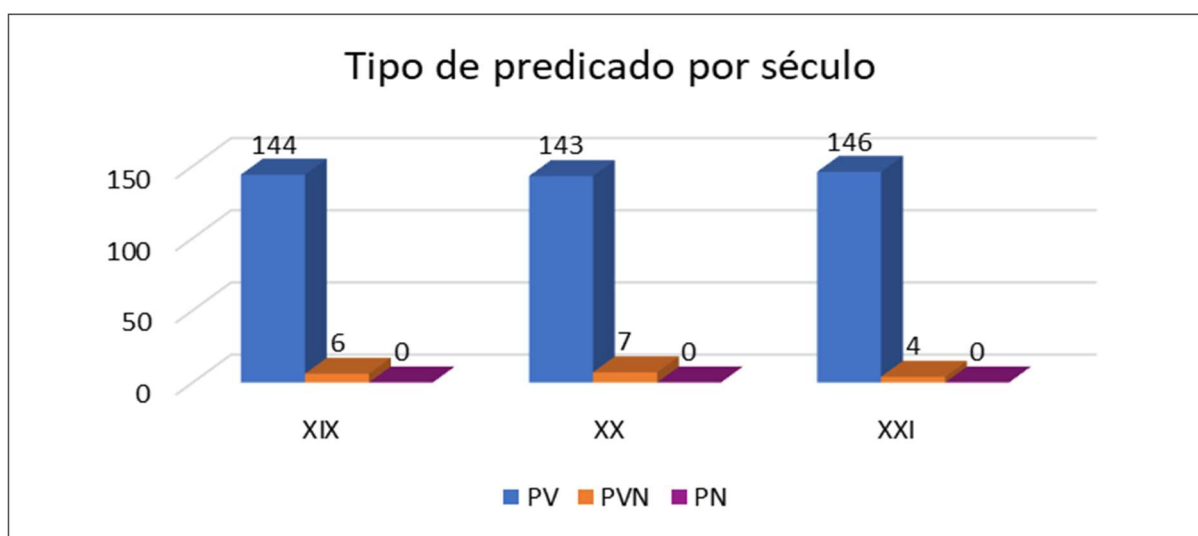
Apresentamos na tabela 1 a frequência do verbo *dormir* por contexto de predicação na amostra linguística analisada, seguida do gráfico que coteja os mesmos dados.

TABELA 1 – Frequência do verbo *dormir* por contexto de predicação na amostra linguística analisada

Século/contexto de predicação	Predicado verbal (PV)	Predicado verbo-nominal (PVN)	Predicado nominal (PN)	Totais
XIX	144 (96%)	6 (4%)	0 (0%)	150 (100%)
XX	143 (95,33%)	7 (4,67%)	0 (0%)	150 (100%)
XXI	146 (97,43%)	4 (2,57%)	0 (0%)	150 (100%)
<b>Totais</b>	433 (96,22%)	17 (3,78%)	0 (0%)	450 (100%)

Fonte: Dados coletados.

GRÁFICO 1 – Frequência do verbo *dormir* por contexto de predicação na amostra linguística analisada



Fonte: Dados coletados.



Analisando os dados apresentados acima, percebemos que a maior produtividade do verbo *dormir*, nos três séculos pesquisados, é no contexto de predicado verbal (PV). Os percentuais acima dos 95% nos três períodos indicam que o verbo *dormir* é majoritariamente empregado na língua portuguesa em sua acepção lexical, cuja forma tem a propriedade de remeter ao significado extralinguístico e de predicar, conforme ilustrado por estes dados:

- (11) “Gabriel, atirado nas almofadas do carro, **dormia** profundamente.” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso).
- (12) “Duda virou-se para o outro lado e **dormiu**, talvez no meio duma frase ou outra, da futura mamãe.” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso).
- (13) “Nos alojamentos que cabem doze pessoas, **dormem** vinte.” (*Corpus* do Português, século XXI. Grifo nosso).

Nos exemplos de (11) a (13) o verbo *dormir* remete ao seu conteúdo extralinguístico de denotar a ideia de repouso, de descansar em estado de sono, por um período específico, prototipicamente à noite. Ao mesmo tempo, como verbo intransitivo, constitui núcleo do PV, acompanhado de adjunto adverbial (11) ou não (12) e (13).

Outro contexto de predicação identificado, porém, em produtividade bastante baixa (inferior a 5% em todos os três períodos) se comparada à anterior, foi aquele em que o verbo *dormir* aparece combinado com predicativos do sujeito, em contextos de predicados verbo-nominais (PVN), conforme passamos a ilustrar:

- (14) “Na terceira noite, André **dormiu calmo e sereno**, como nas precedentes,” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso).
- (15) “Enquanto o pobre **dorme drogado**, a assanhada se prepara para cair nos braços de Beto [...]” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso).
- (16) “O noivo **dormiu sozinho**, a noiva com a irmã [...]” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso).
- (17) “As duas **dormem juntas**, e isso ajuda minha filha a ter uma noite de sono mais tranquila.” (*Corpus* do Português, século XXI. Grifo nosso).

Os dados de (14) a (17) ilustram situações em que o verbo mantém sua característica de predicar, entretanto compartilha a função de núcleo do predicado com uma forma nominal, resultando em um PVN. Acreditamos ser esse o contexto de reanálise da construção de que nos ocupamos neste estudo, dado que o particípio é um adjetivo e, como tal, dotado de função predicativa.

Conforme se observa, não foram flagradas, nessa amostragem, ocorrências de nosso objeto de estudo, qual seja, o verbo *dormir* gramaticalizado como verbo relacional em

construção com o participípio, o que motivou, conforme apresentado no capítulo precedente, a coleta de dados no *Twitter*.

Essa falta de representatividade na amostra escrita, ao invés de refutar nossa hipótese de trabalho, atestou tratar-se de um processo de gramaticalização emergente, conforme aventado. Reforçando essa premissa, a forma foi flagrada na rede social *Twitter*, cujas postagens aproximam-se da oralidade, modalidade na qual, em tese, as formas inovadoras tendem a ocorrer.

Apresentamos, na tabela a seguir, o quantitativo de construções coletadas na referida rede no período compreendido entre abril de 2009 e agosto de 2020.

TABELA 2 – Dados obtidos no *Twitter*

CONSTRUÇÕES	PERÍODO	OCORRÊNCIAS/%
<b>[dormiu aberta]</b>	junho de 2009 a agosto 2020	725 / 37,44%
<b>[dormiu aberto]</b>	junho de 2009 a agosto 2020	317 / 16,37%
<b>[dormiu ligada]</b>	junho de 2009 a agosto 2020	182 / 9,40%
<b>[dormiu ligado]</b>	abril de 2009 a agosto 2020	688 / 35,53%
<b>[dormiu acesa]</b>	outubro de 2009 a agosto de 2020	21 / 1,08%
<b>[dormiu aceso]</b>	julho de 2009 a agosto de 2016	03 / 0,18%
<b>Total</b>	-	1936 / 100%

Fonte: Dados coletados.

Pelos motivos apresentados na seção destinada à descrição dos procedimentos metodológicos adotados, as ocorrências acima não foram analisadas quantitativamente em relação ao contexto de predicação do verbo *dormir*. Entretanto, relativamente ao total de ocorrências encontradas, identificamos haver uma hierarquia na produtividade dos participípios que ocorrem na construção. Dentre as seis construções pesquisadas, [dormiu aberta] representou 37,44% das ocorrências; em segundo lugar, a construção [dormiu ligado] totalizou 35,53% das ocorrências.

Do ponto de vista qualitativo, os dados coletados no *Twitter* contribuíram significativamente para corroborar nossa hipótese de gramaticalização, como será demonstrado ao longo deste capítulo. Inicialmente, esses dados (salvo exceções que serão discutidas adiante) configuraram um arranjo textual em que o verbo se encontra reanalisado, situando-se na fase

intermediária do *continuum* proposto por Castilho (2020), ao descrever a gramaticalização dos verbos *ser* e *estar*: verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar. O autor esclarece que *ser* e *estar*, como verbos funcionais, “foram reanalisados deixando de operar como núcleo do predicado, função que se deslocou para o termo adjacente à sua direta.” (CASTILHO, 2020, p.399). Da mesma forma, o verbo *dormir*, nas construções estudadas, foi reanalisado e a função de núcleo do predicado se deslocou para as formas nominais do particípio, constituindo, assim, um contexto de PN, conforme ilustram estes dados:

- (18) “mamãe: fecha a janela do teu quarto que ontem ela **dormiu aberta**.” (*Twitter*, agosto de 2022. Grifo nosso).
- (19) “mds meu celular **dormiu aberto** no twitter” (*Twitter*, agosto de 2014. Grifo nosso).
- (20) “A sauna daqui de casa **dormiu ligada**, meu pai tá surtando imaginando o preço da conta de luz” (*Twitter*, janeiro de 2019. Grifo nosso)
- (21) “Meu computador **dormiu ligado** desfragmentando e otimizando unidades.” (*Twitter*, julho de 2020. Grifo nosso).
- (22) “Tô vendo que minha luminária **dormiu acesa** hoje, lembrei o que aconteceu! Meu avô apareceu pra mim, falei que estava muito cansada pra conversar com fantasma, que era pra ele sumir! Aí fiquei com medo e acendi a luz! Kakakkakakaka Eu hein?!” (*Twitter*, dezembro de 2019. Grifo nosso).
- (23) “eu capotei tão bonito que meu abajur **dormiu aceso**” (*Twitter*, agosto de 2016. Grifo nosso).

Essa perda da propriedade predicadora do verbo descrita por Castilho (2020) pôde ser verificada nos exemplos de (18) a (23) nos quais quem opera como predicador é o termo predicativo do sujeito e não mais o verbo *dormir*.

Pela análise dos dados segundo o critério sintático (contexto de predicação da forma), pudemos verificar que o processo de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio é recente, uma vez que a forma gramatical foi encontrada apenas na base de dados da rede social *Twitter*.

Associado ao contexto de predicação da forma, há outros fatores que contribuem para o fenômeno que estamos descrevendo. A animacidade do sujeito é um dos pontos importantes e se relaciona de forma estrita com o contexto de predicação. O predicativo do sujeito seleciona um tipo específico de sujeito para que o enunciado se configure como um composto gramatical aspectual.

Desta feita, analisaremos, a seguir, os dados segundo critérios semânticos.

## 4.2 Análise dos critérios semânticos

Conforme já mencionado por nós, o fenômeno da gramaticalização envolve tanto o processo metafórico, ligado à abstração da forma, quanto o metonímico, que diz respeito ao contexto de reanálise da construção. Assim, o objetivo da análise com base em critérios semânticos é testar nossas hipóteses de que (i) o verbo *dormir* estaria passando por um processo de abstração semântica e, ainda, de que (ii), em decorrência disso, o sujeito da construção alvo do nosso estudo, necessariamente, deveria apresentar alteração de traços semânticos comparativamente àquele identificado para o sentido concreto do verbo, qual seja, [SN + animado].

### 4.2.1 Abstração semântica

A abstração semântica é um dos critérios que constituem evidência empírica do processo de gramaticalização (COELHO, 2006). No percurso de mudança do estatuto categorial, a forma lexical passa por uma perda gradual do seu conteúdo nocional ao passo que incorpora função gramatical. Com isso, é possível atestar usos [+ abstratos], o que acarreta a polissemia do termo (COELHO e VITRAL, 2010), além dos contextos de ambiguidade. Conforme apontado na seção de metodologia, apoiados em Coelho (2006), consideramos como concreto o sentido etimológico<sup>18</sup> da forma, e como abstratos, aqueles oriundos da expansão semântica ao longo do tempo.

A análise dos dados relativamente à alteração semântica do verbo *dormir* foi compilada na tabela 3 e o no gráfico 2 a seguir.

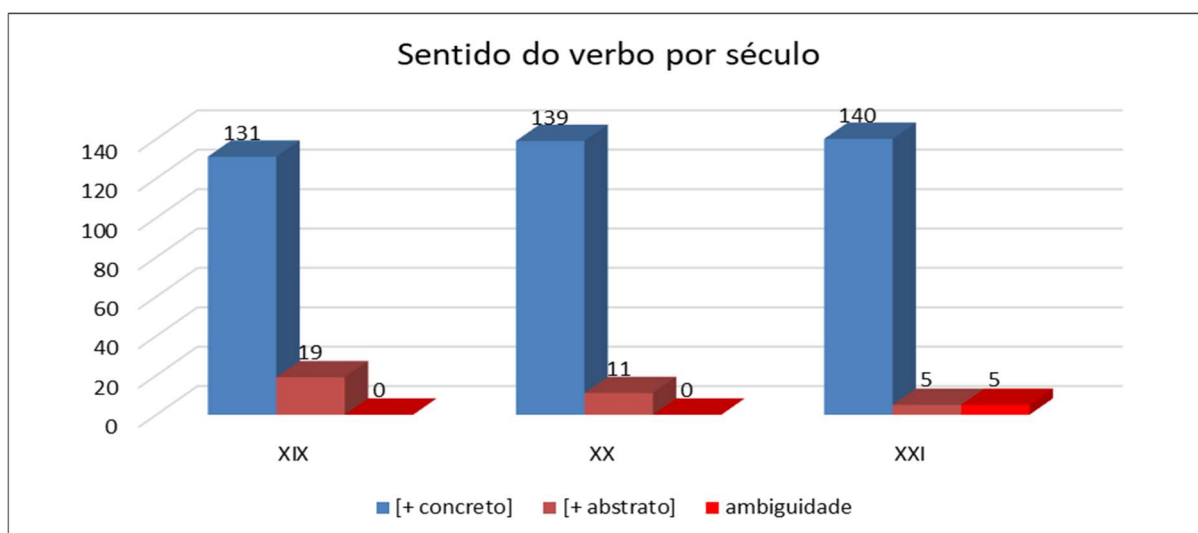
---

<sup>18</sup> “Deixar de estar acordado, descansar no sono’ XIII.” (CUNHA, 1997. p. 277) (Cf. 4.2.2)

TABELA 3 – Abstração semântica do verbo *dormir* na amostra linguística analisada

Século/sentido verbo	Uso [+ concreto]	Uso [+ abstrato]	Contexto de ambiguidade	Totais
<b>XIX</b>	131 (87,33%)	19 (6,67%)	0 (0%)	150 (100%)
<b>XX</b>	139 (92,67%)	11 (7,33%)	0 (0%)	150 (100%)
<b>XXI</b>	140 (95,34%)	5 (3,33%)	5 (3,33%)	150 (100%)
<b>Totais</b>	410 (91,11%)	35 (7,78%)	5 (1,11%)	450 (100%)

Fonte: Dados coletados

GRÁFICO 2 – Abstração semântica do verbo *dormir* na amostra linguística analisada

Fonte: Dados coletados.

Os percentuais de frequência acusam uma prevalência (total de 91,11% somados os três séculos) de uso do sentido [+ concreto]. O sentido [+ abstrato] foi identificado em apenas 7,38% das ocorrências consideradas para a quantificação. Um dado relevante constitui o fato de que apenas no século XXI identificaram-se contextos de ambiguidade, representando 3,33% das ocorrências. Conforme já expusemos, o contexto de ambiguidade, além de ser fruto da polissemia decorrente da abstração da forma, é um recurso importante para auxiliar na identificação do contexto de reanálise da construção. Os dados da tabela 2 não indicam incremento de uso do sentido [+ abstrato] da forma ao longo do período analisado, como seria de se esperar em um processo de gramaticalização maduro. Entretanto, esses sentidos, alguns dos quais exemplificamos a seguir, atestam o esvaziamento semântico, a polissemia e a

ambiguidade, que promove a reanálise, todas evidências do processo de abstração semântica do percurso da gramaticalização.

- (24) “Todos esses manifestos tomam como ponto de partida a abolição da escravidão, o que quer dizer que a Monarquia podia **dormir** tranqüila a esta hora, [...]” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso).
- (25) “[...] **Dorme** no passado Meu pobre sonho doirado.. Esperança que mentiu...” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso).
- (26) “Chegamos a fazer alguns ensaios com as partes já escritas e o resultado não foi bom. Então, o projeto ficou **dormindo** na gaveta, esperando tempos melhores.” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso).
- (27) “O Imperatriz perdeu a chance de **dormir** no G4 e segue estacionado no meio da tabela com 12 pontos.” (*Corpus* do Português, século XXI. Grifo nosso).
- (28) “[...] a imensa massa de desempregados (cerca de 15 milhões de almas) que **dormem** em filas quilométricas em busca de um mísero emprego que lhes garanta uma sobrevivência mínima.” (*Corpus* do Português, século XXI. Grifo nosso).
- (29) “**Dorme soturna** a natureza sábia.” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso).

Os dados apresentados ilustram o uso [+ abstrato] do verbo *dormir*. Em (24) temos que o regime Monárquico estava seguro (pelo menos por um período de tempo); em (25) há um convite para que o sonho dourado fique esquecido no passado; em (26) o projeto ficou esquecido na gaveta; em (27) o time de futebol perdeu a chance de ficar, por um período, no grupo G4; em (28), entretanto, o contexto não nos permite afirmar se a imensa massa de desempregados literalmente dorme [+ concreto] ou se passa a noite [+ abstrato], mesmo que acordada, nas filas quilométricas. Embora consideremos que, provavelmente, em (28) o sentido do uso seja o [+ abstrato], ou seja, que as pessoas passaram o período da noite postadas em filas, não podemos descartar a possibilidade de que o sentido seja o de que essas pessoas tenham dormido nas filas quilométricas, podendo, inclusive, ser durante o dia; em (29) é possível identificar a abstração semântica (uma vez que ao sujeito “a natureza sábia” não é atribuída a capacidade de dormir em seu sentido mais concreto) em um contexto de predicado verbo-nominal (“soturna” como predicativo do sujeito). Esse exemplo é um dado que ilustra o contexto de reanálise, que resulta na gramaticalização que descrevemos.

Tais usos constata a expansão semântica (em que a forma é empregada com sentido diverso daquele primeiro, o etimológico), constituindo, assim, uma possibilidade para

a gramaticalização do verbo *dormir* como forma relacional, já que, conforme Coelho (2006), a abstração semântica pode incidir tanto no processo de lexicalização quanto de gramaticalização de uma forma linguística.

Embora os números encontrados não sofram alterações significativas ao longo dos três séculos, encontramos um fator que, embora não tenha sido controlado por nós, mostrou-se potencialmente relevante: a variação diamésica. Os textos dos séculos XIX e XX são, em sua maioria, pertencentes a gêneros literários, em que a licença poética estimula o uso de termos em sentidos abstratos. Por sua vez, os excertos do século XXI pertencem basicamente ao gênero jornalístico, cuja característica textual é o uso predominante da linguagem objetiva, literal. Feita essa observação, especulamos se, selecionado um *corpus* cujo gênero textual seja uma das variáveis controladas, o número de ocorrências de formas com sentido [+abstrato] no século XXI seria bastante superior aos dos séculos anteriores, já que, mesmo com essa diferença dos gêneros textuais, os números mostraram-se próximos. De toda forma, os dados, como estão descritos, servem, se não para atestar um incremento no uso, para confirmar que a abstração semântica ocorre na língua em uso.

#### 4.2.2 *Animacidade do sujeito*

Sabemos que o verbo *dormir* em seu sentido [+concreto] exige um sujeito com o traço [+animado]. “Deixar de estar acordado, descansar no sono” (CUNHA, 1997) só é possível para referentes com esse traço. Vejamos:

(30) “- Seu Raul **dormiu** bem?” (*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso).

Enunciados como esse são facilmente compreendidos por falantes do português, ao passo que a substituição do núcleo do sujeito por um ser [-animado] gera sentenças agramaticais:

(31) A criança **dormiu** a noite toda.

(32) \*A gaveta **dormiu** a noite toda.

O sujeito “a gaveta” é um referente [-animado] e, portanto, não é compatível com o evento de *dormir*, contrariamente ao que se observa com “seu Raul” e com “a criança”, que carregam o traço [+animado]. Isso nos leva a concluir que, sintagmaticamente, a animacidade do sujeito é uma restrição semântica relevante para a gramaticalização da construção, tal como passamos a demonstrar:

- (33) “Acordei no sofá agora, e o portão da casa **dormiu aberto**, aqui a gente tem sorte, viu nu [...]” (*Twitter*, abril de 2020. Grifo nosso).

No dado acima, o predicado “dormiu aberto” é uma construção em que o verbo *dormir*, combinado com o particípio, resulta num composto gramatical marcador de aspecto: o verbo *dormir* perde propriedades semânticas que lhe facultam a predicação, a forma participial *aberto* assume tal predicação, passando a núcleo do predicado (predicativo do sujeito) e o verbo *dormir* é, nesse contexto, uma forma relacional que liga o sujeito ao seu predicativo, desempenhando função aspectual, assim como os demais verbos relacionais da língua.

Embora os dados extraídos do *Twitter* não tenham sido considerados na análise quantitativa para fins de categorização do tipo de predicado em que o verbo *dormir* ocorre, todas as 1.936 (um mil, novecentas e trinta e seis) ocorrências foram analisadas com vistas a testar a hipótese da restrição semântica de animacidade do sujeito no contexto da construção e, de fato, constatamos a exigência de um sujeito com traço [- animado] para que o verbo *dormir*, em construções com o particípio, funcione como um verbo relacional.

Ocorrências da construção com o verbo *dormir* seguido de particípio cujo sujeito tenha o traço [+animado] não ilustram casos de gramaticalização do verbo, que não pode ser classificado como relacional:

- (34) “A Isabela **dormiu** ontem **ligada** no 220x2 e acordou no 220x5, eu vou surtar já já” (*Twitter*, junho de 2019. Grifo nosso).
- (35) “Minha irmã parece que **dormiu ligada** na tomada, afff scrrr” (*Twitter*, agosto de 2017. Grifo nosso).
- (36) “8:19 da manhã e meu cachorro está com um pique de quem **dormiu ligado** na tomada pra carregar.” (*Twitter*, abril de 2018. Grifo nosso).
- (37) “[...] cama apertada não. Você **dormiu aberta**, de apertada foi só eu e clara jkkkkkkkkkkkk (*Twitter*, julho de 2015. Grifo nosso).

Os sujeitos “A Isabela”, “Minha irmã”, “meu cachorro” (por retomada anafórica) e “Você” apresentam o traço [+ animado]. Os excertos transcritos indicam tratar-se de um contexto de PVN: tanto o verbo *dormir* quanto o particípio exercem função predicadora. Verificamos, em tais contextos, usos metafóricos da forma flexionada no particípio, uma vez que nenhum dos sujeitos referidos em (34), (35) e (36) esteve literalmente ligado na tomada. A informação veiculada é a de que tais sujeitos dormiram [+ concreto] e acordaram muito ativos e bem-dispostos, como se tivessem “recarregado suas baterias/energias” durante a noite. Da mesma forma, em (37) temos que a pessoa dormiu espalhada na cama, de modo que as outras participantes do evento verbal tiveram pouco espaço para dormir. Tais dados, além de atestarem



a restrição semântica da animacidade do sujeito para o uso gramatical do verbo *dormir*, oferecem algumas pistas sobre seu *continuum* de gramaticalização, na medida em que sinalizam a abstração que envolve os predicadores: quando o sujeito apresenta o traço [+ animado], o particípio precisa ser interpretado em sentido figurado.

Trabalhar com dados da língua em uso apresenta-se como um desafio, sobretudo porque não é possível prever o que encontraremos; mas, ao mesmo tempo, é tarefa instigante, vez que provoca novas reflexões sequer antes evocadas. O dado a seguir é um exemplo desse exercício.

(38) “demorei exatos 3 min p responder o Guilherme e ele **dormiu aberto** na conversa” (*Twitter*, fevereiro de 2020. Grifo nosso).

É possível inferir que o sujeito “ele” (“O Guilherme”, por retomada anafórica) tenha dormido e deixado a conversa da rede social sem finalização (aberta); ou tenha dormido durante uma reunião virtual e deixado o microfone ou o vídeo aberto(s). Ou, ainda, qualquer variação para o tipo de conversa que se possa ter em ambientes virtuais e que se considera “aberta” enquanto não finalizada.

Nesse caso, nosso objeto de estudo ocorre em contexto de PV, em que o sujeito destacado [+ animado] dormiu [+ concreto], deixando ou a conversa por encerrar ou os recursos eletrônicos (microfone, vídeo, etc) conectados à conversa. Assim, “aberto” não se refere ao sujeito, mas ao estado da conversa ou aos recursos utilizados para estabelecê-la.

Todos os casos encontrados com o sujeito [+ animado] (alguns dos quais discutimos acima) não configuram o contexto sintático de PN, mas de PVN, ou mesmo de PV, como o exemplo (38) acima. Por outro lado, todos os contextos de sujeito [- animado] ilustraram um estágio em que o verbo da construção estudada é relacional, com função aspectual, conforme exemplos (18) a (23).

Logo, podemos afirmar que o traço semântico de animacidade [- animado] do sujeito associado à abstração semântica [+abstrato] observada na subseção anterior apontam para uma expansão cognitiva do uso da forma, que permite ao falante da língua produzir enunciados facilmente compreensíveis. Portanto, os processos metafórico e metonímico, apontados como a base para o processo de gramaticalização da construção, foram identificados nos dados da nossa pesquisa.

### 4.3 Análise dos princípios de gramaticalização

Uma das grandes dificuldades para os trabalhos que envolvem processos emergentes de gramaticalização está em identificar em que fase/estágio o objeto de estudo se encontra. Assumindo tal desafio e considerando-se que nosso objeto de estudo constitui um desses casos, passamos a analisar nossos dados à luz dos cinco princípios propostos por Hopper (1991).

QUADRO 9 – Análise dos princípios de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio

PRINCÍPIO	USO LEXICAL	USO GRAMATICAL
<b>Estratificação</b>	Ex.: “Deita-te, <b>dorme</b> bem, amanhã conversaremos.” ( <i>Corpus</i> do Português, século XIX. Grifo nosso).	Ex.: “por sua causa meu pc <b>dormiu ligado</b> ” ( <i>Twitter</i> , julho de 2020. Grifo nosso).
	Coexistência de usos lexicais e gramaticais do verbo <i>dormir</i> . Isso decorre do fato de a gramaticalização não pressupor a substituição de uma forma pela outra, mas a expansão de usos de um domínio para outro. No caso de nosso objeto de estudo, do domínio lexical [+ concreto] para o domínio gramatical ou funcional [+ abstrato].	
<b>Divergência</b>	<p>(i) Sujeito [+ animado] em dois contextos sintáticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• PV – Ex.: “Hoje, <u>ela</u> <b>dorme</b> tranquilamente, [...]” (<i>Corpus</i> do Português, século XXI. Grifo nosso).</li> <li>• PVN – Ex.: “<u>Monteiro e a cadelinha Teka</u>, [...] são amigos inseparáveis e <b>dormem</b> até <b>juntos</b>.” (<i>Corpus</i> do Português, século XXI. Grifo nosso).</li> </ul> <p>(ii) Sujeito [- animado]: verbo empregado em sentido figurado [+ abstrato] Ex.: “Não quero ninguém dizendo que um <u>projeto</u> <b>dorme</b> nesta Casa.” (<i>Corpus</i> do Português, século XX. Grifo nosso).</p> <p>(iii) Sujeito [- animado] e verbo [+ concreto]: agramatical. Ex.: * “A gaveta <b>dormiu</b> a noite toda.”</p>	<p>Sujeito [-animado] em contexto sintático de PN: Ex.: “sorry, best, cochilei ontem, acordei agora, <u>meu msn</u> <b>dormiu aberto</b> [...]” (<i>Twitter</i>, junho de 2010. Grifo nosso).</p> <p>Ex.: “<u>A gaveta</u> <b>dormiu trancada</b> a noite toda.”</p>

PRINCÍPIO	USO LEXICAL	USO GRAMATICAL
	Contexto específico para a gramaticalização: o verbo <i>dormir</i> apenas se gramaticaliza como uma forma relacional em contexto com o particípio (PN) e com sujeito [- animado].	
Especialização	<p>Abstrações que levam à polissemia:</p> <p>(i) Sentido de compartilhar a cama, ter relação sexual. Ex.: “Há outro nome para essa piedade de bode no cio! Você <b>dormiu</b> com ela, morou com ela feito marido e mulher durante anos.” (<i>Corpus</i> do Português, século XX. Grifo nosso).</p> <p>(ii) Contexto de ambiguidade: Ex.: “Quinzinho <b>dorme</b> com Vanessa.” (<i>Corpus</i> do Português, século XXI. Grifo nosso). Tanto pode ser acepção de ter relação sexual, como o sentido literal de dividir o mesmo espaço, no caso, a cama.</p> <p>(iii) Sentido figurado: Ex.: “Então, o projeto ficou <b>dormindo</b> na gaveta, esperando tempos melhores.” (<i>Corpus</i> do Português, século XX. Grifo nosso).</p>	<p>Nota-se uma preferência do falante pelo emprego da construção com o verbo <i>dormir</i> relacional combinado com o particípio para traduzir a duração do evento expresso pelo particípio por um intervalo de tempo relativo a uma noite.</p> <p>Ex.: “VC ACORDA E DESCOBRE QUE A PORTA DA SALA <b>DORMIU ABERTA</b>” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2015. Grifo nosso).</p> <p>Os metadados revelam que o falante já tem dificuldade para escolher outra construção senão a que estudamos: Ex.: “Fui falar que: - A porta <b>dormiu aberta</b>. veio o home me corrigir dizendo que é: - A porta ficou aberta durante a noite. Não entendi a dele não uai” (<i>Twitter</i>, julho de 2019. Grifo nosso).</p>
	Nossa construção mostra-se como uma escolha mais prototípica (especializada) para marcar a duração do evento pelo período de uma noite. Embora a literatura preveja que essa especialização é mais evidente nos estágios finais da gramaticalização, nossas análises quantitativa e qualitativa acusam a emergência do fenômeno e sua maior produtividade com alguns particípios. Desse modo, é provável que fatores de natureza cognitiva, mais ligados à experiência concreta do falante com relação ao ato de dormir, estejam influenciando o processo, conforme se discute na análise do próximo princípio.	
Persistência	<p>Maior produtividade do sentido [+ concreto] do verbo dormir: Ex.: “Ainda segundo o depoimento, Ênio afirmou que <b>dormia</b> no banco de trás do carro e que não se lembra [...]” (<i>Corpus</i> do Português, século XXI. Grifo nosso).</p>	<p>Embora o sentido [+ concreto] tenha se esvaziado de alguns traços, permanece o traço relativo à experiência corpórea decorrente do fato de que <i>dormir</i> se dá, prototipicamente, à noite, isto é, no intervalo de tempo compreendido entre o final de um dia e o início de outro.</p> <p>Ex.: “eu deixei a gaveta da geladeira meio aberta e a geladeira não fechou e <b>dormiu aberta</b>, triste não tinha água gelada” (<i>Twitter</i>, janeiro de 2014. Grifo nosso).</p> <p>A persistência semântica guarda relação com o sentido etimológico do verbo, adquirido por meio de experiência corpórea, e preserva resquícios do sentido lexical, o que confere à forma gramaticalizada a propriedade para conotar o aspecto durativo do evento expresso pelo particípio, limitando-o ao período de</p>

PRINCÍPIO	USO LEXICAL	USO GRAMATICAL
	tempo relativo a uma noite. Trata-se, pois, de uma forma mais condensada de se traduzir a duração do evento.	
Descategorização	Verbo é predicador por excelência: (i) Núcleo do PV Ex.: “Meus irmãos <b>dormem</b> no colchão no chão.” ( <i>Corpus</i> do Português, século XXI. Grifo nosso).	Verbo perde a propriedade de predicar, que passa a ser do particípio (PN). Ex.: “O carro <b>dormiu aberto</b> , tá rapaizinho?” ( <i>Twitter</i> , novembro de 2010. Grifo nosso).
	(ii) Compartilha a predicação com o predicativo do sujeito em um PVN. Ex.: “Chorou muito e <b>dormiu vigiada</b> por Gracinda, e só acordou quando ouviu o barulho das botas do marido” ( <i>Corpus</i> do Português, século XX. Grifo nosso).	
	Perda da propriedade predicadora do verbo <i>dormir</i> em construção com o particípio. Nesse contexto sintático, a predicação é assumida pelo particípio e o verbo <i>dormir</i> opera como verbo de ligação, assumindo a função de marcador aspectual.	

Fonte: Elaboração nossa.

Conforme demonstrado no quadro acima, todos os cinco princípios de gramaticalização foram atestados em nosso estudo, o que evidencia a adequação de nossa hipótese primeira acerca da gramaticalização do verbo *dormir* em construção com o particípio. Uma vez atestado o processo de gramaticalização, prosseguiremos com nossos objetivos, buscando traçar o percurso de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio.

#### 4.4 *Continuum* da gramaticalização

As seções anteriores descreveram evidências relevantes relacionadas ao fenômeno da gramaticalização. Como um processo lento e gradual, a mudança do estatuto categorial de uma forma/construção na língua envolve fases, as quais nem sempre podem ser recuperadas pelo linguista. Como, no caso de nosso estudo, as análises sinalizam um processo emergente, acreditamos ser possível esboçar um *continuum* desse processo a partir dos dados.

A análise da frequência do verbo *dormir* em seus contextos sintáticos de predicação permitiu-nos identificar a maior produtividade do verbo enquanto forma lexical, dotado de

propriedade de referenciação extralinguística e de exercer o núcleo da predicação, em contextos como o que se segue:

- (39) “O Drummond **dormia** todo dia em casa e nunca abandonou a Dolores, [...]”  
(*Corpus* do Português, século XX. Grifo nosso).

Em (39) as propriedades semânticas e sintáticas do verbo resultam em um PV. *Dormir* está em seu sentido [+ concreto], é núcleo do predicado e requer um sujeito [+ animado].

Nessa mesma sincronia, constatamos outros usos que sugerem um contexto de reanálise que resultará num uso do verbo *dormir* como um instrumento gramatical marcador de *aspecto*. São exemplos dessa situação os contextos de PVN, em que a propriedade de predicar não é exclusiva do verbo, mas exercida também pelo termo predicativo:

- (40) “Na terceira noite, André **dormiu calmo e sereno**, como nas precedentes, e Miguel levantou-se sem barulho.” (*Corpus* do Português, século XIX. Grifo nosso).

Como em (39), em (40) O verbo *dormir* ainda é dotado da propriedade de referenciação, sendo empregado em seu sentido [+ concreto], com sujeito [+ animado]. Entretanto, partilha com uma forma de natureza adjetiva a propriedade predicadora. Não se trata, ainda, da forma nominal de particípio, mas de uma forma que figura no mesmo contexto paradigmático que este e que, portanto, tem a mesma função.

Numa etapa subsequente, identificamos o verbo *dormir* já reanalisado como forma relacional, num contexto em que não mais dispõe da propriedade de predicar, agora desempenhada exclusivamente pela forma de particípio, que, assim como os núcleos predicativos de (40), apresenta natureza adjetiva marcada pela relação de concordância com o núcleo do sujeito, que precisa ter o traço [- animado], conforme ilustrado por este dado:

- (41) “Acordei achando q tava morta, mas era só a janela que **dormiu aberta** numa noite de 8<sup>o</sup>” (*Twitter*, julho de 2019. Grifo nosso).

Em (41) temos, como em (40), um predicativo do sujeito. Entretanto, o verbo *dormir* encontra-se reanalisado e, na construção com o particípio, é uma forma gramatical, funcionando como um liame entre o sujeito e seu predicativo (já que não opera mais como predicador) e conotando noção aspectual de duração limitada do evento expresso pelo particípio.

Assim, em face da análise desenvolvida ao longo deste capítulo, acreditamos estar em condições de propor o percurso de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio:

QUADRO 10 – *Continuum* de gramaticalização do verbo *dormir* em construções com o particípio, segundo contextos de predicação

predicado verbal > predicado verbo-nominal > predicado nominal		
(PV)	(PVN)	(PN)

Fonte: Elaboração nossa.

Inicialmente, o verbo *dormir*, como forma lexical, é predicator por excelência, portanto, o núcleo do PV. Num estágio subsequente, o verbo ainda dotado de propriedades lexicais compartilha a função predicadora com o núcleo nominal. Temos, assim, dois predadores: um verbal e um nominal. Por fim, o verbo *dormir* se combina com o particípio e deixa de operar como núcleo do predicado (estágio correspondente à descategorização postulada por Hopper, 1991). Nesse contexto, o predicado passa a ter apenas um núcleo nominal: o predicativo do sujeito, função exercida pelo particípio.

#### 4.5 Valores aspectuais identificados na construção com o verbo *dormir* gramatical

A tipologia aspectual, conforme apresentado na seção destinada a resenhar os teóricos do tema, é um assunto controverso. Seria um desserviço aos estudos linguísticos se propuséssemos um novo quadro aspectual, sobretudo porque nosso objeto de estudo se circunscreve à descrição de uma construção específica, de seu percurso de gramaticalização e consequente marcação aspectual. Ademais, há trabalhos robustos sobre aspecto, como os de Castilho (1968, 2020) e o de Travaglia (2014 [1985]). Consideramos, por esse motivo, identificar os valores aspectuais marcados pela forma de que nos ocupamos, baseando-nos, para tanto, nos trabalhos citados.

Como dissemos, fatores cognitivos estão envolvidos no processo de reanálise do verbo que integra a construção. O conhecimento de mundo (experiência) acerca de que *dormir* encerra a ideia de passar por um período, preferencialmente à noite, em estado de sono/repouso faz com que a noção aspectual esperada, segundo quadro 6 proposto por Travaglia (2014 [1985]), seja a de duração contínua limitada, configurando, portanto, o aspecto durativo. Esse autor considera como duração contínua aquela apresentada sem nenhuma interrupção do evento - “19. O clube **ficava** no topo da colina”. Como limitada, a duração que indica (i) início ou fim do evento - “8 a. Ele **esteve nadando** desde as 6 horas da manhã.”; (ii) valor da duração - (“10. Antônio **ouviu** música o dia todo”); (iii) duração finita e seus limites são conhecidos ou

sugeridos, mesmo sem nenhuma limitação explícita - “11 a. José **lia** um romance, quando sua irmã chegou.” (TRAVAGLIA, 2014 [1985], p. 45 e 46. Grifos do autor).

No que tange às fases, o mesmo quadro 6 apresenta noções aspectuais relacionadas à situação do ponto de vista (i) da sua realização, (ii) do seu desenvolvimento e (iii) do seu completamento. Do ponto de vista da realização, uma das possibilidades de fase é aquela em que a situação tenha terminado, configurando o aspecto acabado. Do ponto de vista do completamento, a situação se apresenta como completa ou incompleta, e são essas as noções aspectuais que caracterizarão os aspectos perfectivo e imperfectivo, respectivamente. Para Travaglia (2014 [1985]), situação completa não é sinônimo de situação acabada. Uma situação completa é a que se considera em sua totalidade, como um todo indivisível, com seu começo, meio e fim englobados em um todo. A situação completada/acabada é aquela concluída.

Consoante a descrição acima apresentada, analisamos o enunciado motivador do questionamento linguístico que nos levou à pesquisa cujos resultados ora relatamos, a fim de verificar qual seria o tipo de aspecto marcado pela construção. Sendo assim, em [A porta *dormiu aberta*], temos um evento durativo contínuo limitado, ou seja, evento com duração finita e com limites conhecidos (durante a noite) e sem interrupção. Caso a porta seja fechada ao longo da noite, por exemplo, não poderemos dizer que “dormiu aberta”; há de ser outro o enunciado.

Como nos propusemos a testar quais as expressões aspectuais poderiam ser identificadas, submetemos os dados a um escrutínio, a fim de cumprir esse objetivo. Não discutiremos todos os recursos de marcações aspectuais descritos pelos autores por nós referenciados. Outrossim, apenas aqueles que integram a construção estudada.

#### 4.5.1 *Expressão do aspecto pelas flexões verbais*

Elegemos, para busca na base de dados *Twitter*, expressões pré-definidas por proximidade ao enunciado que motivou a pesquisa (Cf. 4.1.2). Por isso, os verbos encontram-se flexionados no pretérito perfeito do indicativo. Se há alguma unanimidade quanto à tipologia aspectual, é a de que o pretérito perfeito marca o aspecto perfectivo. Travaglia (2014 [1985]) afirma que o pretérito perfeito em si não expressa duração ou sua ausência. Mas completa que, em alguns arranjos, o pretérito perfeito poderá expressar a ideia da duração: com verbos de estado, com adjunto adverbial/oração adverbial temporal ou pela repetição do verbo. O semantema verbal parece ser um elemento relevante para que o pretérito perfeito marque

aspecto durativo. Em nosso trabalho, o sentido do verbo *dormir*, na construção descrita, indica situação durativa.

(42) “Gente, e meu pai que estava na cozinha, TORRANDO A RAÇÃO DO GATO.<sup>19</sup> Pq o saco **dormiu aberto**.” (*Twitter*, agosto de 2020. Grifo nosso).

(43) “bom saber que meu notebbok **dormiu ligado** :). ‘-’” (*Twitter*, agosto de 2012. Grifo nosso).

As flexões no pretérito perfeito do indicativo ilustram o aspecto perfectivo da construção associado ao aspecto durativo, oriundo do conhecimento prévio do falante acerca do semantema verbal.

A fim de testar flexões verbais diversas, elegemos uma ocorrência prototípica, de modo que não houvesse outros elementos concorrendo para a marcação aspectual, como os adjuntos adverbiais, por exemplo.

(44) “A porta da sala **dormiu aberta**... Aberta mesmo... Passava alguém sem encostar nela!!! Q burra!!! To com medo!” (*Twitter*, fevereiro de 2011. Grifo nosso).

A ferramenta de busca no *Twitter* não nos permite coletar dados em diversas flexões verbais, uma vez que a pesquisa se dá por construções previamente determinadas. Nossa intuição de falante, contudo, nos permite identificar outras flexões possíveis, como as especificadas no quadro abaixo:

QUADRO 11 – Aspectos marcados nos diferentes tempos do indicativo

MODO	TEMPOS	ENUNCIADO	ASPECTOS MARCADOS
Indicativo	Presente	A porta da sala <b>dorme aberta</b> ...	Imperfectivo Cursivo Durativo
	Pretérito imperfeito	A porta da sala <b>dormia aberta</b> ...	Imperfectivo Cursivo Durativo
	Pretérito-mais-que-perfeito	A porta da sala <b>dormira aberta</b> ...	Perfectivo Acabado

Fonte: Elaboração nossa.

<sup>19</sup> As ocorrências do *Twitter* foram grafadas exatamente como estão postadas, com exceção do destaque que demos às construções objeto de estudo. Como optamos por exemplificar as ocorrências preservando a forma como foram postadas, é importante ressaltar que apenas o grifo nas construções de nosso interesse constitui qualquer modificação. Provavelmente o falante quis realçar a ação do pai de torrar a ração de gato, fato que o fez escrever tal expressão em caixa alta.



Estudos com as diversas flexões verbais passíveis de ocorrer com a construção e seus respectivos valores aspectuais é objeto para estudo futuro, quando poderemos ampliar o espectro de dados para a composição do nosso corpus.

#### 4.6 Os dados por trás dos metadados

Descrevemos, no capítulo 3, a importância da inclusão das redes sociais, como o *Twitter*, como base de dados para as pesquisas linguísticas em geral (ZAPPAVIGNA 2012). No nosso caso, essa fonte se mostrou importante, não apenas para registrar a ocorrência da construção pesquisada e seus contextos de uso, como também pelas metainformações encontradas nas postagens. Trazemos alguns exemplos a seguir.

(45) “Engraçado o que a gente fala ‘A porta **dormiu aberta**’ Vei, porta não dorme kkkjakak Que lombra”. (*Twitter*, junho de 2020. Grifo nosso).

(46) “Usamos ‘a casa **dormiu aberta**’, acho que o princípio é o mesmo...” (*Twitter*, julho de 2019. Grifo nosso).

Em (45) e (46) temos *tweets* metalinguísticos, em que os falantes refletem sobre o uso da expressão, mostram um certo estranhamento por considerarem o sentido concreto do verbo; entretanto, percebem o uso abstrato da construção gramaticalizada.

Outra situação:

(47) “amo quando minha mae quer falar que algo ‘passou a noite’ ela diz que ‘dormiu’, ex: ‘a roupa **dormiu** no varal’ ‘a luz **dormiu ligada**’ ‘a porta **dormiu aberta**’” (*Twitter*, julho de 2016. Grifo nosso).

O exemplo (47) adiciona, explicitamente, em relação aos exemplos (45) e (46) anteriores, a noção aspectual veiculada pela construção: “passou a noite”. A postagem corrobora nossa hipótese da marcação do *aspecto* durativo, sinalizada pelo sentido mais prototípico do verbo *dormir*, que envolve a duração de passar o período da noite. Outra informação relevante para o nosso estudo é o uso da expressão “a roupa **dormiu** no varal” sem o particípio: o verbo *dormir* não admite sujeito [- animado], senão na leitura abstrata. Tal esvaziamento semântico levou o verbo a perder a capacidade de predicar, tendo que se unir a um particípio, conforme já demonstrado em seção anterior, quando descrevemos o *continuum* proposto por Castilho (2020).

Abaixo, temos uma situação em que o falante se indigna por ter sido corrigido ao usar a construção “dormiu aberta”. O interessante é ver que o interlocutor que corrige o uso o

faz substituindo-o pela expressão cujo sentido é exatamente o da construção: “ficou aberta durante a noite”.

(48) “Fui falar que:

- A porta **dormiu aberta**.

veio o home me corrigir dizendo que é:

- A porta ficou aberta durante a noite.

Não entendi a dele não uai” (*Twitter*, julho de 2019. Grifo nosso).

A postagem seguinte aponta para a automatização do uso. O autor do *tweet* registra que sequer percebe que outras pessoas não usam a construção.

(49) “vcs na moral NÃO FALAM ‘a janela **dormiu aberta**’ ‘a luz **dormiu ligada**’ entre outros????? MEUS DEUS COMO EU NÃO PERCEBI ISSO ANTES” (*Twitter*, julho de 2019. Grifo nosso).

Trouxemos alguns dos vários exemplos que indicam que a construção por nós estudada provoca, concomitantemente, estranhamento e reconhecimento por parte dos falantes, o que é mais um indício de que o fenômeno é recente na língua.

Para finalizar esta subseção, apresentamos exemplos de ocorrências que registram a possibilidade de que haja um preconceito quanto ao uso da forma, relacionado à variação diatópica. Isso reforça o estigma do uso da construção, o que pode explicar adicionalmente o fato de não a termos flagrado em nosso *corpus* oriundo de língua escrita:

(50) “Nordestino não diz: Esqueci de fechar a porta ontem.

Nordestino diz: Eita, a porta **dormiu aberta** ontem.” (*Twitter*, julho de 2010. Grifo nosso).

(51) “- Você é nordestino?

- Sim

- Então fala ‘esqueci de fechar a porta ontem’

- A porta **dormiu aberta**” (*Twitter*, janeiro de 2020. Grifo nosso).

(52) “Áudio falando uai: 5 reais

Áudio falando trem: 10 reais

Áudio falando sô: 15 reais

Áudio falando que a porta **dormiu aberta**: 25 reais” (*Twitter*, novembro de 2019. Grifo nosso).

Os exemplos (50) e (51) revelam certo preconceito ao sugerirem que o uso da construção por nós estudada é uma excentricidade de uso circunscrito ao sujeito nordestino. Em (52), há uma brincadeira que atribui preços a expressões típicas dos mineiros. A valoração para

“a porta dormiu aberta” é a maior, provavelmente por ser a que mais marca regionalismo, segundo o autor da postagem, e que não será facilmente encontrada no falar de Minas Gerais.

Trouxemos alguns dos diversos exemplos que ilustram situações diferentes de uso da construção. Todos sinalizam para a confirmação da hipótese de que se trata de um fenômeno emergente na língua e retratam de forma explícita as características essenciais ao processo de gramaticalização da construção: abstração da forma e o contexto em que isso acontece.

Feitas as análises e apresentados os resultados, passaremos às considerações finais de nosso estudo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua em uso nos apresenta uma imensidão de formas de expressão que despertam em nós atenção e geram curiosidade científica. Muitas dessas formas causam-nos estranhamento se comparadas ao paradigma das normas que prescrevem como deve ser a língua. Entretanto, estão por toda parte. Onde houver manifestação linguística, haverá novas e diferentes formas de expressão. É a língua em movimento, se renovando e se recriando pelo seu uso. Nesse contexto, a gramaticalização tem se mostrado um importante recurso de renovação da língua, o que desperta continuamente a atenção daqueles que se dispõem a estudar a língua sob uma perspectiva descritivista.

No bojo dessas formas emergentes, interessou-nos estudar a gramaticalização da construção aspectual [*dormir* particípio] em enunciados como [*A porta dormiu aberta*], a fim de compreender seus mecanismos, suas restrições e seu percurso. Para cumprir tal objetivo, realizamos uma pesquisa de natureza pancrônica, a partir de uma perspectiva funcionalista de estudo da língua, a fim de testar nossa principal hipótese: em construções como a apresentada no enunciado acima, o verbo *dormir* funciona como verbo de ligação e marca a categoria de aspecto. Trata-se, pois, de um processo de mudança categorial envolvendo verbo lexical > verbo relacional.

No intuito de responder às questões-problema por nós formuladas e de verificar a (in)adequação das hipóteses aventadas, constituímos nosso *corpus* a partir das bases “Gênero/Histórico” e “NOW” do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006), restringindo nossa coleta ao período que compreende os séculos XIX, XX e XXI. Adicionalmente, foram agregados à nossa amostragem linguística dados extraídos da rede social *Twitter* produzidos no período compreendido entre abril de 2009 e agosto de 2020. Desenvolver um programa computacional que pudesse converter em arquivos do texto os *tweets* publicados mostrou-se uma modesta contribuição da nossa pesquisa para os estudos linguísticos que queiram se utilizar do *Twitter* como base de dados para a constituição de *corpus*. Congregadas essas três bases de coleta de dados, nossa amostra linguística resultou em um *corpus* constituído de 2.386 (dois mil, trezentos e oitenta e seis) ocorrências que foram analisadas quantitativa e qualitativamente.

A questão desencadeadora de nosso estudo buscou verificar se seria possível atestar que, em construções como [*A porta dormiu aberta*], o verbo intransitivo *dormir* se gramaticaliza como verbo relacional para marcar aspecto. A hipótese principal, uma conjectura

dessa primeira questão, pôde ser confirmada em uma correlação com os demais achados que responderam às questões seguintes.

A segunda questão por nós formulada se propunha a investigar o(s) tipo(s) de aspecto(s) marcado(s) pela construção. As análises empreendidas demonstraram que o principal aspecto marcado é o durativo (noção aspectual de duração contínua limitada), conforme categorização proposta por Travaglia (2014 [1985]). Dada a natureza léxico-semântica da categoria de aspecto no PB, a marcação identificada deve-se prioritariamente à semântica do verbo, que conota a ideia de passar em estado de repouso por um período específico. Relativamente à fase, segundo quadro aspectual de Travaglia (2014 [1985]), verificamos tratar-se de um evento completo, cujo aspecto é o perfectivo. Dessa forma, a construção pesquisada marca, motivada pela semântica do verbo e pela flexão verbal, cumulativamente os aspectos perfectivo e durativo. A depender da flexão do verbo da construção, outras marcações aspectuais são possíveis: com o pretérito imperfeito [A porta *dormia* aberta], identificamos os aspectos imperfectivo, cursivo, durativo. Dada a delimitação de nosso objeto de estudo, a descrição dos tipos de aspecto relativos às diversas flexões do verbo *dormir* em construções com o particípio é um tema que não nos aprofundamos neste estudo e que, portanto, evoca pesquisas futuras.

Constituiu nosso interesse, também, tentar identificar quando se deu no PB a gramaticalização pesquisada. Foi-nos possível confirmar a hipótese da emergência do fenômeno tanto em decorrência da ausência da construção estudada em dados extraídos de *corpus* escrito (*Corpus* do Português, Davies; Ferreira, 2006), nos séculos XIX, XX e XXI, quanto de sua grande produtividade na rede social *Twitter*, canal marcado pela informalidade dos seus textos, que se aproximam da modalidade oral/informal. Essa é vista como o lugar em que a mudança ocorre, uma vez que o falante, ao produzir a sua fala, atua como agente de mudança, contribuindo para as alterações no sistema linguístico. Outrossim, até que a forma/construção inovadora perca seu estigma de informalidade, dificilmente poderá ser capturada em dados da língua escrita. As 1.936 (um mil, novecentas e trinta e seis) ocorrências coletadas no *Twitter* indicaram que a construção é bastante produtiva na língua, registrada, inclusive, em letras de música popular brasileira, citadas em várias postagens. O fato de não termos flagrado a construção nos dados extraídos do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e de fartamente tê-la identificado em postagens do *Twitter* corrobora a hipótese de que estamos diante de um fenômeno recente na língua. Assim, descrever um fenômeno emergente e ainda não documentado mostrou-se como mais uma contribuição deste estudo, que visa a lançar luz sobre o tema e a provocar novas reflexões e inquietações.

Nossa quarta questão de pesquisa buscou identificar os fatores que concorrem para a gramaticalização da construção, os quais foram tomados em conjunto com os princípios de gramaticalização de Hopper (1991). A análise empreendida comprovou as hipóteses de que fatores sintáticos, semânticos e cognitivos constituem restrições para que a gramaticalização opere.

Inicialmente, debruçamo-nos sobre os fatores sintáticos, aqui representados pelo contexto de predicação da forma. Não identificamos o verbo *dormir* em contexto de predicado nominal nos dados extraídos do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) no período pesquisado (do século XIX ao XXI) com o recorte metodológico que estabelecemos (trinta primeiros *tokens* dos cinco primeiros *types*). A análise quantitativa empreendida nesses 450 (quatrocentos e cinquenta) dados indicou predominância expressiva do uso do verbo *dormir* no contexto de predicado verbal (96,22%). Entretanto, chamou-nos a atenção a ocorrência do verbo em contextos de predicado verbo-nominal (3,78%), quando ele compartilha com a forma nominal de particípio a propriedade predicadora. Esse foi identificado como o contexto de reanálise que promoveu a gramaticalização. Conforme apontado por Castilho (2020), os verbos de ligação, como verbos funcionais, transferem a propriedade de predicação para o constituinte à sua direita. Assim, a proximidade com a forma adjetival de particípio que resulta na construção é um contexto propício para a reanálise do verbo *dormir*, que perde sua propriedade predicadora, conforme princípio da descategorização postulado por Hopper (1991), passando a funcionar como um verbo relacional marcador aspectual.

Essas constatações levaram-nos a propor um percurso para a gramaticalização do verbo *dormir* em construção com o particípio segundo o contexto de predicação, o que constitui também uma contribuição para os estudos sobre o tema:

<p>predicado verbal &gt; predicado verbo-nominal &gt; predicado nominal</p>
---

Outro fator considerado foram as restrições semânticas decorrentes da gramaticalização. Buscamos verificar se o verbo *dormir* estaria passando por um processo de abstração semântica. Nos 450 (quatrocentos e cinquenta dados) coletados no *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e analisados quantitativamente, constatamos o uso majoritário (91,11%) do sentido [+concreto] do verbo, assim categorizado segundo o critério etimológico proposto por Coelho (2006). Os contextos de uso [+abstrato] e ambíguo somaram 8,89% das ocorrências. A presença do esvaziamento semântico, da polissemia e da ambiguidade

constituem, assim, evidência do processo de abstração semântica que leva à reanálise da forma na construção. Ainda em relação aos fatores semânticos, aventamos a hipótese de que a animacidade do sujeito seria um traço relevante para o contexto da gramaticalização. A análise dos dados revelou a exigência do traço [- animado] do sujeito para que a gramaticalização se configure. Construções com sujeito cujo traço é [+ animado] resultam em contextos de predicado verbal ou de predicado verbo-nominal, em que o verbo *dormir* preserva ainda a função de predador.

Nossas análises confirmaram também a hipótese de que fatores cognitivos estivessem envolvidos no processo ora estudado. Segundo a escala de abstração de sentido proposta por Heine *et al* (1991), empregamos algo mais concreto, mais próximo das nossas experiências e, portanto, mais fácil de ser conceptualizado, para nos referirmos a algo mais abstrato. O conhecimento de mundo do falante (experiência) acerca do sentido [+ concreto] do verbo *dormir* permite a reanálise do uso [+ abstrato] conferindo à forma gramaticalizada a propriedade de conotar o aspecto durativo do evento expresso pelo particípio. Observamos aqui os princípios (Hopper *et al*, 1991) (i) da especialização, em que houve a escolha por uma forma mais prototípica para marcar a duração do evento pelo período de uma noite, e (ii) da persistência, segundo o qual, no percurso da abstração semântica, a forma gramaticalizada guarda resquícios do seu sentido etimológico.

Embora tenhamos encontrado respostas para as questões inicialmente formuladas e, adicionalmente, termos conseguido alcançar algumas generalizações relevantes acerca do fenômeno que nos propusemos a estudar, as limitações impostas pelo prazo do mestrado, que não se restringe à pesquisa, mas também ao cumprimento de créditos, bem como a complexidade do tema deixaram algumas questões ainda incipientes, carecendo, pois, de investigação. Ser semente para novas incursões não é objetivo *a priori* para uma pesquisa. Entretanto, de certa forma, representa a continuidade e o aprofundamento no tema, algo que muito nos honraria. Registramos, assim, possibilidades que não alcançamos e que ficam, portanto, abertas como sugestão para novos trabalhos: realizar buscas com as diversas flexões verbais a fim de identificar outras marcações aspectuais possíveis; controlar os gêneros textuais pesquisados para testar essa variável; verificar se o fenômeno ocorre nas variantes do português europeu e do africano.

Pelo exposto, contudo, acreditamos que nosso estudo alcançou seus objetivos e que os resultados alcançados contribuem para a descrição das funcionalidades do verbo *dormir* na língua portuguesa, ao mesmo tempo em que abre portas para novas pesquisas, a fim de alcançar

respostas para as questões aqui registradas e que, certamente, irão ainda inspirar novos questionamentos.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João de. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. Assis, SP: ILHPA-HUCITEC, 1980. p. 30-42.
- ANTHONY, L. (2019). *AntConc* (Version 3.5.8) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BARROSO, Henrique. O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: *visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORBA, Francisco da Silva et alii. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991. p. XVIII.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2015 [1928].
- BYBEE, Joan L.; PAGLIUCA, William. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: Jacek Fisiak, ed., *Historical Semantic and Historical Word Formation*, pp. 58-83. Berlin: de Gruyter, 1985.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008 [1969].
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de Linguística Geral*; como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 7. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Padrão, 1989 [1941].
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2004 [1956].
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2020.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da língua portuguesa*. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na Língua Portuguesa*. 2006. 323 f. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6PGGWS>. Acesso em: 16 jun. 2019.

- COELHO, Sueli Maria; DRUMOND, Geraldo. *As construções aspectuais VI<sub>(A)</sub>GARRAR + PREPA + V2<sub>INFINITIVO</sub> e VI<sub>PEGAR</sub> + PREPA + V2<sub>INFINITIVO</sub> na língua portuguesa: um caso de variação linguística?* Goiânia: Signótica, 2015. v. 27, n. 2, p. 287-306.
- COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo (org.). *Estudos de Processos de Gramaticalização em português. Metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 75-104.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002.
- CROFT, William. Construction Grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Editors) – *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford University Press, 2007.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. 2. impressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 16 jun. 2019.
- DORMIR. In: CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. 8. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- FERREIRA, Ana Clara Teixeira; COELHO, Sueli Maria. Construções aspectuais [andar + gerúndio] e [viver + gerúndio] no português. *Diacrítica Revista do Centro de Estudos Humanísticos*, v. 35, n. 1, p. 5-29, 2021.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. From cognition to grammar: Evidence from African languages. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (org.) *Approaches to grammaticalization*. V. 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 149-187.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (org.) *The handbook of historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (org.) *Approaches to grammaticalization*. V. 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p.17-36.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KURYLOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. KURYLOWICZ, Jerzy. *Esquisses Linguistiques II*. München: Fink, 1975 [1965]. p. 38-54.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. Berlin: Language Science Press, 2015 [1982].

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1960.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

MAFRA, J. J. *Fundamentos de gramática latina, O verbo: a voz e noções conexas*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2014. v. 4.

MAIR, Christian. Corpus Linguistics and grammaticalisations theory: Statistics, frequencies and beyond. In: LINDQUIST Hans; MAIR Christian. *Corpus approaches to grammaticalization in English*. University of Freiburg, 2004.

MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da língua portuguesa; elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983 *apud* COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1982 [1948].

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Notepad ++ Ink.

ROMANELLI, R. C. *O supletivismo indo-europeu na morfologia latina*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1975.

SINCLAIR, John. Corpus and Text - Basic Principles. *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice*. Tuscan Word Centre, 2004. Disponível em: <http://users.ox.ac.uk/~martinw/dlc/chapter1.htm>. Acesso em: 16 jun. 2019.

TENUTA, Adriana; COELHO, Sueli Maria. A gramaticalização da construção V1<sub>VERBO DE MOVIMENTO</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub> e a expressão do aspecto iterativo no Português. *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 139-155, 2018.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão Técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaros Silva. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (org.) *Approaches to grammaticalization*. V. 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Centro de Ciências Humanas e Artes. Departamento de Letras, 2014 [1981].

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação* – Estudos de língua e linguística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003. p. 306-321.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos gramaticais – Verbos em processo de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva; TRAVAGLIA, Luiz Carlos; MORAES FILHO, Waldenor Barros (org.). *Língua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 97-157.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais? *Estudos Linguísticos XXXIII*, Campinas: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL)/UNICAMP, p. 1-6, 2004. ISSN/ISBN: 14130939.

TWITTER, Inc. Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 16 jun. 2019.

VASCONCELOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1911. p. 11 *apud* BECHARA, Evanildo. *Estudo da Língua Portuguesa: textos de apoio*. Brasília: FUNAG, 2010.

VOTRE, Sebastião. *Continuidade e mudança na língua portuguesa no Brasil*. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ02\\_71-88.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ02_71-88.html). Acesso em: 16 jun. 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZAPPAVIGNA, Michelle. *Discourse of Twitter and Social Media. How we use language to create affiliation on the web*. Inglaterra. Continuum, 2012.

\*\*\*